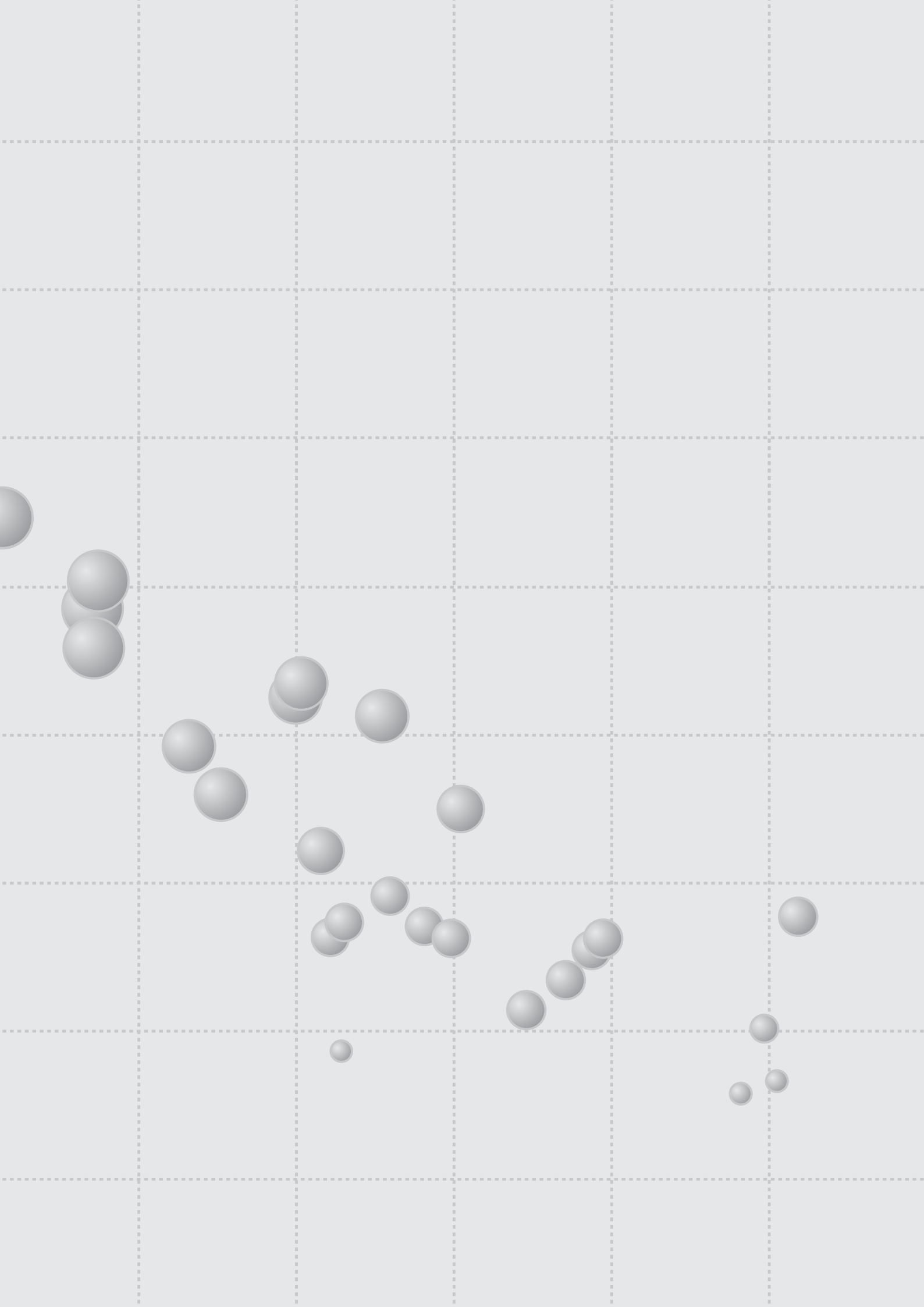


# DECOMTEC

DEPARTAMENTO DE COMPETITIVIDADE E TECNOLOGIA



ÍNDICE FIESP  
DE COMPETITIVIDADE  
DAS NAÇÕES  
2010





## Os desafios da competitividade

Identificar e acompanhar os avanços e restrições à questão da competitividade é um dos principais focos de atenção da Federação das Indústrias de São Paulo. Por isso, a FIESP publica anualmente o Índice de Competitividade das Nações (IC-FIESP), um estudo que aponta os fatores que ferem a indústria brasileira e lista os principais obstáculos que devem ser superados. Algumas causas que restringem o investimento do país são a alta carga tributária, concentrada principalmente no setor industrial, e os juros e spread elevados, que encarecem o capital de giro das empresas, e a baixa oferta de crédito.

Essas condições aumentam os custos dos produtos industriais e prejudicam a competitividade da indústria e de nosso País.

Outra circunstância considerada pelo IC-FIESP é o ambiente educacional. O estudo mostra que o Brasil ainda tem sérias desvantagens em relação a seus concorrentes, já que a sólida formação técnica e acadêmica do trabalhador é fundamental para o avanço da tecnologia e da produtividade. A análise reúne dados de nações que respondem por mais de 90% do PIB mundial.

O Brasil demonstra um desempenho que não faz frente aos principais concorrentes internacionais, agravado pela desvalorização cambial.

O IC-FIESP elenca uma série de propostas que visam reverter esse cenário e garantir o avanço da competitividade no País. Assim, o estudo deve ser encarado como um alerta: somente com trabalho árduo e transformações sérias será possível o crescimento sustentável do Brasil.

**Paulo Skaf**

**Presidente da FIESP**



**PRESIDENTE**

Paulo Skaf

**DECOMTEC****DIRETOR TITULAR**

José Ricardo Roriz Coelho

**DIRETOR TITULAR ADJUNTO**

Pierangelo Rossetti

**DIRETORIA**

Airton Caetano

Almir Daier Abdalla

André Luis Romi

Carlos William de Macedo Ferreira

Cassio Jordão Motta Vecchiatti

Christina Veronika Stein

Cláudio Grineberg

Cláudio José de Góes

Cláudio Sidnei Moura

Cristiano Veneri Freitas Miano (Representante do CJE)

Denis Perez Martins

Dimas de Melo Pimenta III

Donizete Duarte da Silva

Eduardo Berkovitz Ferreira

Eduardo Camillo Pachikoski

Elias Miguel Haddad

Eustáquio de Freitas Guimarães

Fernando Bueno

Francisco Florindo Sanz Esteban

Francisco Xavier Lopes Zapata

Jayme Marques Filho

João Luiz Fedricci

Jorge Eduardo Suplicy Funaro

Lino Goss Neto

Luiz Carlos Tripodo

Manoel Canosa Miguez

Marcelo Gebara Stephano (Representante do CJE)

Marcelo José Medela

Mario William Esper

Nelson Luis de Carvalho Freire

Newton Cyrano Scartezini

Octaviano Raymundo Carmargo Silva

Olívio Manuel de Souza Ávila

Rafael Cervone Netto

Robert William Velásquez Salvador (Representante do CJE)

Roberto Musto

Ronaldo da Rocha

Stefano de Angelis

Walter Bartels



## **EQUIPE TÉCNICA**

**Departamento de Competitividade e Tecnologia.**

### **GERENTE**

Renato Corona Fernandes

### **EQUIPE TÉCNICA**

Albino Fernando Colantuono

André Kalup Vasconcelos

Célia Regina Murad

Daniela Carla Decaro Schettini

Egídio Zardo Junior

Fernando Momesso Pelai

Fúlvia Hessel Escudeiro

Guilherme Riccioppo Magacho

José Leandro de Resende Fernandes

Juliana de Souza

Paulo Sergio Pereira da Rocha

Pedro Guerra Duval Kobler Corrêa

Roberta Cristina Possamai

Sílas Lozano Paz

### **ESTAGIÁRIO**

Lucas Maeda Camargo

### **APOIO**

Maria Cristina Bhering Monteiro Flores

Mauricio Oliveira Medeiros

E-mail: [cdecomtec@fiesp.org.br](mailto:cdecomtec@fiesp.org.br)





I. INTRODUÇÃO .....	<b>08</b>
II. RANKING IC-FIESP .....	<b>10</b>
III. EVOLUÇÃO E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE .....	<b>13</b>
IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO .....	<b>25</b>
V. AGENDA E PROPOSTAS .....	<b>44</b>

## ANOTAÇÕES

O RELATÓRIO ESTÁ DIVIDIDO EM CINCO PARTES:

1. Faremos uma breve INTRODUÇÃO aos conceitos e ao índice.
2. Apresentaremos o RANKING dos 43 países, com nota e posição.
3. Na EVOLUÇÃO E DETERMINANTES, analisaremos a performance do Brasil no tempo, comparada aos países Seleccionados e elencamos alguns determinantes de ganho e perda de competitividade.
4. Na COMPARAÇÃO, ressaltamos a influência de fatores conjunturais e estruturais, a saber educação, tecnologia, ambiente de negócios e comércio exterior, comparando a situação brasileira com a dos países mais competitivos e com alguns países que selecionamos.
5. E, finalmente, apresentaremos a AGENDA de Competitividade, destacando o que é urgente do que é importante para o país e apontamos algumas PROPOSTAS para aumentar a competitividade do Brasil e garantir o crescimento sustentável de longo prazo.

# I. INTRODUÇÃO

---

O Índice de Competitividade das Nações (IC-FIESP) é divulgado anualmente pelo Departamento de Competitividade e Tecnologia (Decomtec) da FIESP.

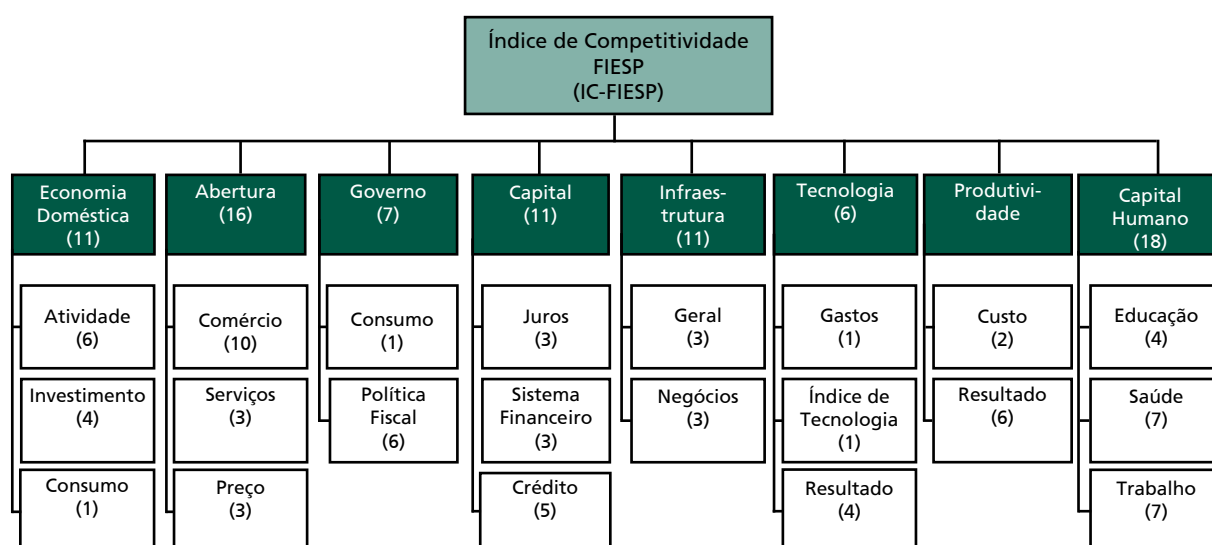
Competitividade é a capacidade de um país de criar condições para que as empresas e organizações nele instaladas produzam o maior bem-estar possível para seus cidadãos e para que o façam crescer ao longo do tempo em relação ao dos cidadãos de outros países. Assim, a competitividade pode ser entendida como a capacidade de um país em manter e renovar um conjunto de atributos que favoreçam o desenvolvimento de negócios e que, portanto, alavancam a produção e a distribuição de riquezas. Além disso, a competitividade deve ser vista de forma histórica e relativa entre os países.

O IC-FIESP acompanha a evolução de 43 países, que representam cerca de 90% do PIB mundial. O índice utiliza fontes internacionalmente confiáveis como FMI, Banco Mundial, CIA, UNESCO etc. e acumula uma série histórica de treze anos (com início em 1997, até 2009), possibilitando analisar a evolução da competitividade dos países.

Nesse sentido, o IC-FIESP procura identificar os principais avanços e restrições ao crescimento da competitividade brasileira e busca experiências internacionais de sucesso que possam orientar a elaboração de propostas de longo prazo. O relatório analisa o desempenho do Brasil no tempo, ressaltando a influência de fatores conjunturais e estruturais, como educação, tecnologia, ambiente de negócios e comércio exterior. Este desempenho é comparado a de alguns países, entre eles, um grupo de países Seleccionados com os quais o Brasil concorre. Além disso, são apresentadas propostas que visam garantir o crescimento sustentável de longo prazo e o avanço da competitividade no País.

Organizou-se um banco de **55 mil** informações agrupado em oito fatores determinantes para a competitividade.

## ESTRUTURA DO BANCO DE DADOS



### ANOTAÇÕES

- O nosso banco de dados é significativo: 55 mil informações.
  1. São 43 países, os quais representam mais de 90% do PIB mundial (90,9% em 2009).
  2. Compreende 83 variáveis, todas quantitativas (diferentemente de outros rankings, o IC-FIESP não utiliza pesquisas de opinião para evitar que as expectativas contaminadas influenciem no resultado).
  3. Utilizamos fontes internacionalmente confiáveis, como FMI, Banco Mundial, CIA, UNESCO etc.
  4. Acumulam dados de 13 anos numa série histórica capaz de avaliar a trajetória e as estratégias dos países.
  5. Este ano o IC-FIESP 2010 foi calculado com base nos dados de 2009. Já no ano passado, foi possível reduzir a defasagem, que antes era de 2 anos, pois houve uma maior preocupação das fontes internacionais em agilizar a atualização dos seus dados.
- Os dados estão agrupados em 8 fatores e 21 subfatores:
 

Economia Doméstica, Abertura, Governo, Capital, Infraestrutura, Tecnologia, Produtividade e Capital Humano (que inclui Saúde, Educação e Trabalho).

## II. RANKING IC-FIESP

### RANKING IC-FIESP 2009

GRUPO	PAÍS	NOTA	RK	GRUPO	PAÍS	NOTA	RK
Q1 ELEVADA	Estados Unidos	91,4	1	Q3 MÉDIA	República Checa	49,7	23
	Noruega	77,5	2		Itália	47,6	24
	Suíça	75,9	3		Malásia	46,9	25
	Holanda	74,1	4		Hungria	43,1	26
	Japão	73,0	5		China	42,6	27
	Hong Kong	72,7	6		Rússia	41,8	28
	Israel	71,3	7		Grécia	39,6	29
	Coreia do Sul	71,3	8		Chile	39,5	30
	Cingapura	70,3	9		Portugal	39,3	31
	Suécia	69,4	10		Argentina	36,9	32
	Dinamarca	68,0	11		Polônia	36,7	33
Q2 SATIS- FATÓRIA	Alemanha	67,3	12	Q4 BAIXA	Tailândia	32,7	34
	Irlanda	66,2	13		México	28,3	35
	Bélgica	63,7	14		<b>Brasil</b>	<b>24,8</b>	<b>36</b>
	Canadá	62,9	15		África do Sul	24,7	37
	Finlândia	62,1	16		Venezuela	20,6	38
	Reino Unido	61,8	17		Turquia	18,7	39
	Austrália	61,6	18		Filipinas	17,9	40
	França	60,2	19		Colômbia	17,5	41
	Áustria	58,8	20		Indonésia	7,1	42
	Nova Zelândia	57,7	21		Índia	7,1	43
	Espanha	50,0	22				

#### ANOTAÇÕES:

- O índice de competitividade é representado por uma "nota" que varia de 0 a 100.
- Com base nessa "nota" definimos o ranking e agrupamos os países em quartis.
  1. Os países de competitividade elevada são aqueles com nota igual ou maior que 68; Os de competitividade satisfatória vão de 50 a 67,3; Os de competitividade média, de 36,7 a 49,7; Finalmente, os países de baixa competitividade possuem nota igual ou menor que 32,7.
- Os EUA permanecem na liderança e reverteram a tendência de queda de sua nota, observada até 2007. Os principais fatores que mantêm o país na liderança nesse período (1997 a 2009) são: elevado número de patentes, elevada produtividade de todos os setores da economia, gastos em saúde e reduzida taxa de juros (curto prazo, depósito e spread).
- O Brasil, por sua vez, não só aumentou a nota, como ganhou mais uma posição neste ano, ultrapassando a Venezuela e ficando em 36º lugar.
- Analisando 2009 x 2008, sobre alguns países europeus: Portugal subiu uma posição (de 30º para 31º) apesar de ter diminuído sua nota (de 39,5 para 39,3); Itália e Grécia ficaram na mesma posição (24º e 29º, respectivamente), apesar de sua nota também ter diminuído (de 48,1 para 47,6 e de 41,1 para 39,6, respectivamente).

- 
- Com relação aos BRICs (Rússia, Índia e China), continuamos apenas na frente da Índia, mas nos aproximamos, com relação a 2008, da Rússia e China (os países diminuíram a nota, apesar de se manterem na mesma posição e o Brasil aumentou sua nota).
  - Na América Latina, somos superados pela Argentina, Chile e México e estamos melhor que a Venezuela e Colômbia. Nos aproximamos do México em 0,7 pontos em relação ao IC de 2008. 2009x2008: Argentina cai 1 posição; Chile sobe 3 e México permanece igual em posição e nota.

## II. RANKING IC-FIESP

No curto prazo (2008-2009), o Brasil melhorou, aumentando sua nota em 0,9 pontos.

### QUEM MAIS GANHOU E QUEM MAIS PERDEU? (ENTRE 2008 e 2009)

#### GANHARAM COMPETITIVIDADE:

País	Variação da nota	Ranking 2008	Ranking 2009
Tailândia	+ 4,3 pts	34°	34°
Cingapura	+ 3,6 pts	11°	9°
Coreia do Sul	+ 3,2 pts	10°	8°

#### PERDERAM COMPETITIVIDADE:

País	Variação da nota	Ranking 2008	Ranking 2009
Venezuela	- 4,3 pts	36°	38°
Japão	- 3,8 pts	3°	5°
Alemanha	- 3,3 pts	8°	12°

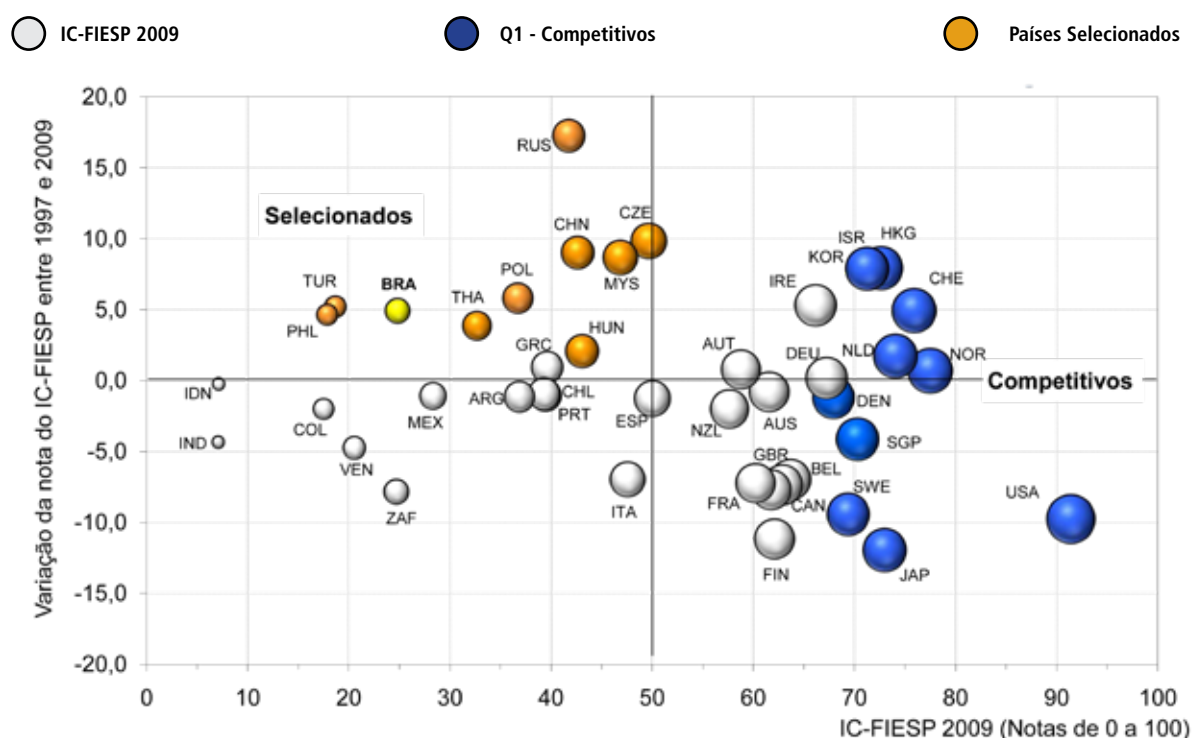
#### ANOTAÇÕES:

- Apontamos os 3 países que mais ganharam e mais perderam competitividade no curto prazo (2008 e 2009).
- Nesse período, os países que mais ganharam competitividade foram Tailândia (apesar de manter a mesma posição no ranking, 34°, aumentou a nota para 32,7 (+4,3 pontos em 2009), Cingapura (melhorou em posição, 9°, e nota, 70,3, (+3,6 pontos) em 2009) e Coreia do Sul (melhorou em ranking, 8°, e nota, 71,3, (+3,2 pontos) em 2009).
- Já entre os que perderam competitividade estão Venezuela, Japão e Alemanha. Todos perderam nota (20,6 (-4,3 pontos), 73,0 (-3,8 pontos) e 67,3 (-3,3 pontos) em 2009, respectivamente) e posições no ranking (38°, 5° e 12° em 2009, respectivamente).
- Em geral, os fatores que se destacam entre os países que ganharam competitividade no curto prazo são:
  - Balança comercial;
  - Desemprego da população jovem;
  - Exportações líquidas de manufaturas.
- E, os principais fatores para os países que perderam competitividade são:
  - Risco do sistema financeiro;
  - Balança comercial;
  - Taxa de juros para depósito.

### III. EVOLUÇÃO E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE

O Brasil destaca-se entre os países de baixa, mas crescente competitividade (Selecionados). Estados Unidos, Japão e Finlândia são os que mais perderam competitividade no período.

#### IC-FIESP 2009 X CRESCIMENTO DO IC-FIESP ENTRE 1997 E 2009



#### ANOTAÇÕES:

- Ao se comparar a variação do IC-FIESP nos últimos 13 anos (1997 a 2009) – eixo vertical – com o IC-FIESP de 2009 – eixo horizontal, destacamos um bloco de países Competitivos, pertencentes ao Quartil 1 (Q1) e outro bloco de países que i) ganharam competitividade no período e ii) apresentam renda per capita similar à brasileira; são os países Selecionados.
- O Brasil encontra-se dentro desse bloco de “Selecionados”, cujo destaque é a Rússia, com uma variação positiva de mais de 17 pontos no período.
- O Japão é o país que mais perdeu competitividade, consequência, principalmente, da crise financeira em 2008/2009, que provocou sua queda no ranking do 3º para o 5º lugar.

**RÚSSIA:** o IC é calculado anualmente. O ano inicial do IC é 1997. Nesse ano, devido à crise russa, o país parte de uma base bastante depreciada: os anos de 1997 e 1998 são as notas mais baixas do índice de competitividade para a série da Rússia, que ocupava o 37º lugar em 1997. Por isso que, nas análises de evolução de longo prazo que consideram o ano inicial de 1997, a Rússia tende a apresentar um ótimo desempenho.

### III. EVOLUÇÃO E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE

---

Dados (Banco Mundial):

- Investimento Fixo (FBCF % PIB): em 1997 era 18%, atingiu o menor nível em 1999 com 14% e subiu para 21% em 2009.
- Inflação ao consumidor: em 1997 foi de 14,7%, atingiu 85,7% em 1999, mas recuou para 11,6% em 2009.
- PIB: em 1997 cresceu 2%, mas em 1998 sofreu queda de 5,2% em relação à 1997. De 1999 a 2009, no entanto, apresentou um crescimento médio de 5,9%.
- Juros para depósito: em 1997, a taxa era de 16,8% a.a., subindo para 17,1% a.a. em 1998. Em 2007 e 2008, antes da crise financeira internacional, manteve os juros em torno de 5,5% a.a., subindo para 8,6% a.a. em 2009.

No ano de 2009, a Rússia chega ao lugar 28º no ranking do IC-FIESP.



A análise da evolução brasileira será realizada comparativamente com o grupo de países Competitivos e Seleccionados.

Q1 - PAÍSES COMPETITIVOS		PAÍSES SELECIONADOS	
<b>Estados Unidos</b> <b>Noruega</b> <b>Suíça</b> <b>Holanda</b> <b>Japão</b> <b>Hong Kong</b> <b>Israel</b> <b>Coreia do Sul</b> <b>Cingapura</b> <b>Suécia</b> 1 <b>Dinamarca</b> 1		(renda similar à brasileira e que avançaram em competitividade) <hr/> <b>República Checa</b> 23 <b>Malásia</b> 25 <b>Hungria</b> 26 <b>China</b> 27 <b>Rússia</b> 28 <b>Polônia</b> 33 <b>Tailândia</b> 34 <b>Turquia</b> 39 <b>Filipinas</b> 40	

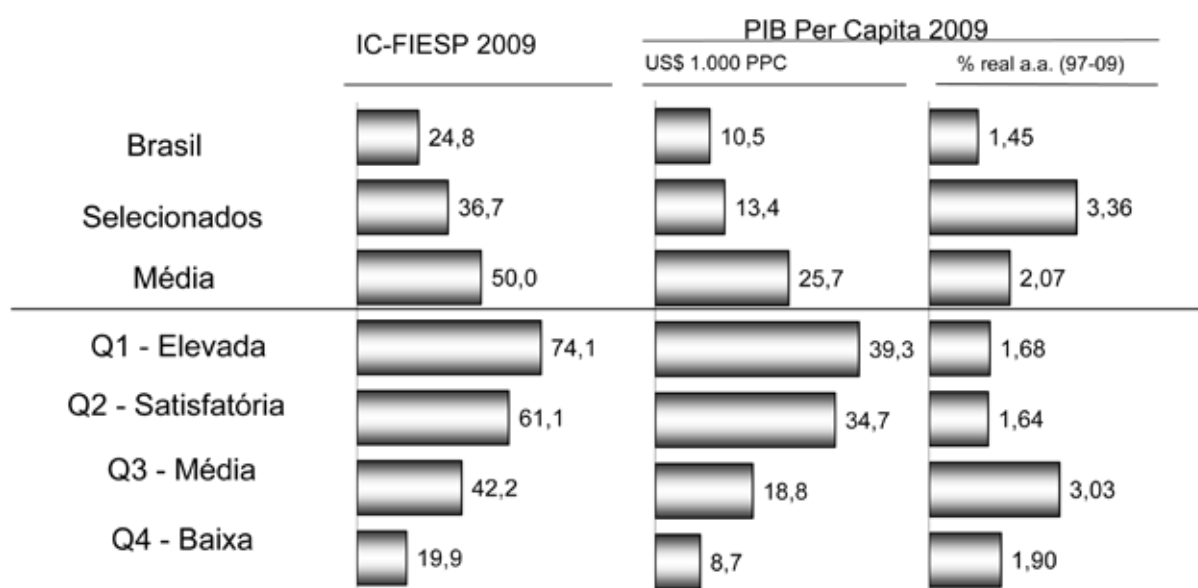
#### ANOTAÇÕES:

- Para entender melhor quais estratégias podem nos levar a um aumento de competitividade, escolhemos dois grupos de países:
  - Os países de competitividade elevada – Q1;
  - Os países com renda similar à brasileira e que avançaram em competitividade, os quais denominaremos SELECIONADOS.
- Para o país estar no bloco de Seleccionados deve cumprir dois requisitos:
  - i) ter renda per capita similar à brasileira: consideramos países com até um desvio padrão da renda brasileira.
  - ii) são países que avançaram em competitividade no período 1997 a 2009.

### III. EVOLUÇÃO E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE

A relação entre o IC-FIESP e o PIB per capita é clara. Enquanto o PIB per capita do Brasil cresceu 1,45% a.a. (1997-2009, em termos reais), a média do crescimento dos países do IC-FIESP foi de 2,07% a.a. no mesmo período ...

#### COMPETITIVIDADE E PIB PER CAPITA - 2009



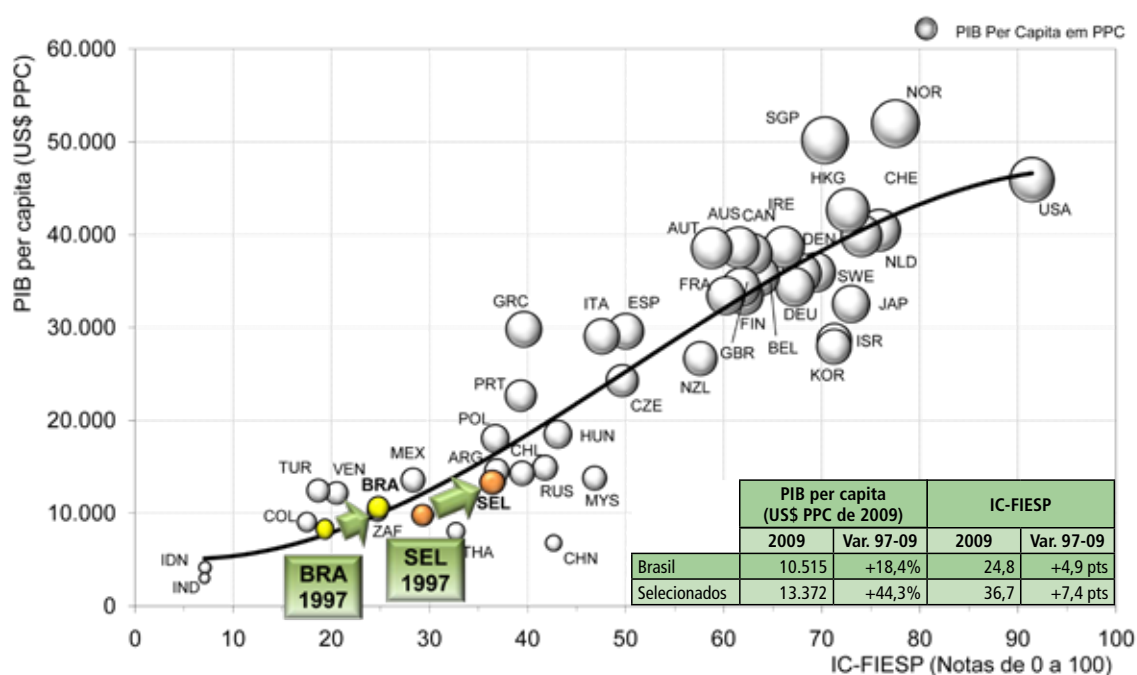
\* Paridade de Poder de Compra - PPC - é a taxa de câmbio calculada a partir dos valores de uma mesma cesta de bens e serviços.  
Fonte: FMI, IBGE, Banco Mundial e FIESP; elaboração DECOMTEC/FIESP

#### ANOTAÇÕES:

- A correlação entre IC-FIESP e o PIB per capita fica clara quando analisamos os quadrantes. O QUARTIL UM (Q1) apresenta nota média no IC-FIESP de 74,1 e um PIB PER CAPITA de US\$ 39,3 mil em paridade de poder de compra. O QUARTO QUARTIL (Q4) apresenta a menor nota média (19,9) e o menor PIB PER CAPITA (US\$ 8,7 mil em paridade de poder de compra) e o Brasil, que pertence a este quadrante, apresenta valores superiores: nota de 24,8 e PIB per capita de US\$ 10,5 mil.
- É importante observar também que o crescimento do PIB per capita dos países do Q3 é em média maior do que os dos países do Q1 e do Q2, pois é um quartil que concentra países que apresentaram elevado crescimento, como China e Rússia.
- O Brasil apresentou menos da metade da média do crescimento anual real do PIB per capita dos países Selecionados. No período (1997- 2009), o crescimento do:
  - Q1 foi puxado principalmente pela Coreia do Sul (3,5% a.a.) e Cingapura (2,5% a.a.)
  - Q2 foi puxado principalmente pela Irlanda (3% a.a.) e Finlândia (2,1% a.a.)
  - Q3 foi puxado principalmente pela China (8,8% a.a.) e Rússia (4,8% a.a.)
  - Q4 foi puxado principalmente pela Índia (5,2% a.a.) e África do Sul (2% a.a.)

... Além disso, o avanço brasileiro também é menor quando comparado com a evolução dos países Seleccionados...

## IC-FIESP X PIB PER CAPITA - 2009



Fonte: FMI, Banco Mundial e FIESP; elaboração Decomtec/ FIESP

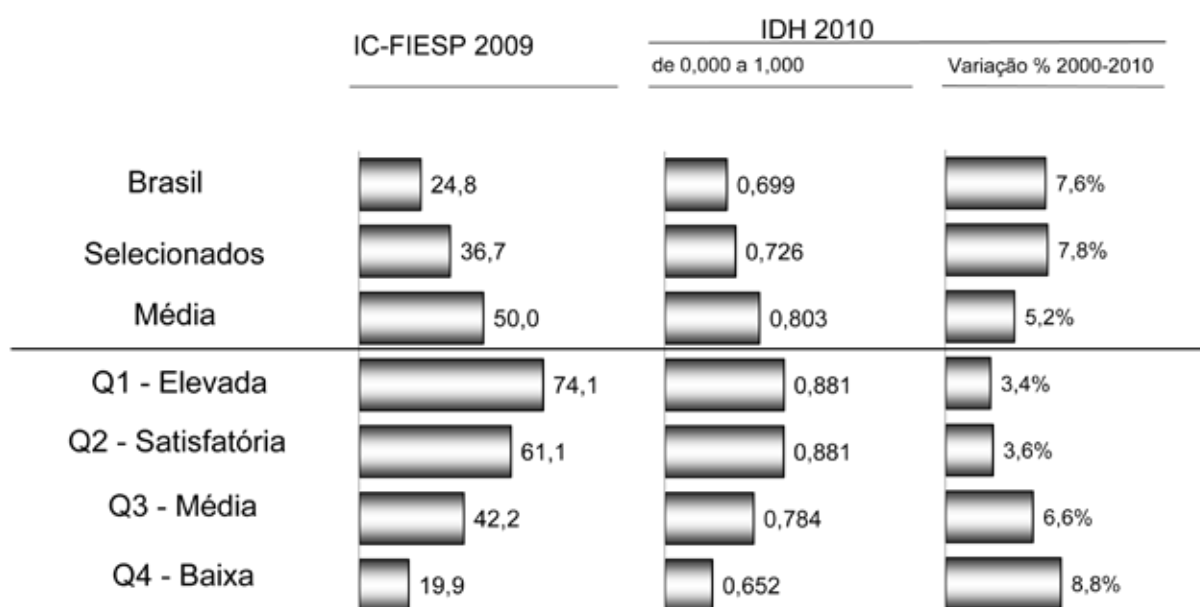
### ANOTAÇÕES

- Ao se comparar a competitividade dos países com seus PIBs per capita percebemos que existe uma relação clara entre eles. Essa relação é representada no gráfico pela curva.
- O Brasil apresentou um aumento da nota do IC no período 1997-2009 (+ 4,9 pontos) que acompanhou o aumento de seu PIB per capita em US\$ PPC (+18,4%). Mas o desempenho foi pior do que o dos países Seleccionados que aumentaram a nota em 7,4 pontos e o PIB per capita de 44% no mesmo período.

### III. EVOLUÇÃO E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE

... assim como também, em termos de evolução de IDH, em que o crescimento do Brasil (7,6%, de 2000 a 2010) é menor do que os países Seleccionados (7,8%) e da média de seu quadrante Q4 (8,8%).

#### COMPETITIVIDADE (2009) E IDH (2010)



Fonte: PNUD; Elaboração: Decomtec/FIESP. Nota: foi utilizada a nova metodologia do IDH, divulgada em 2010.

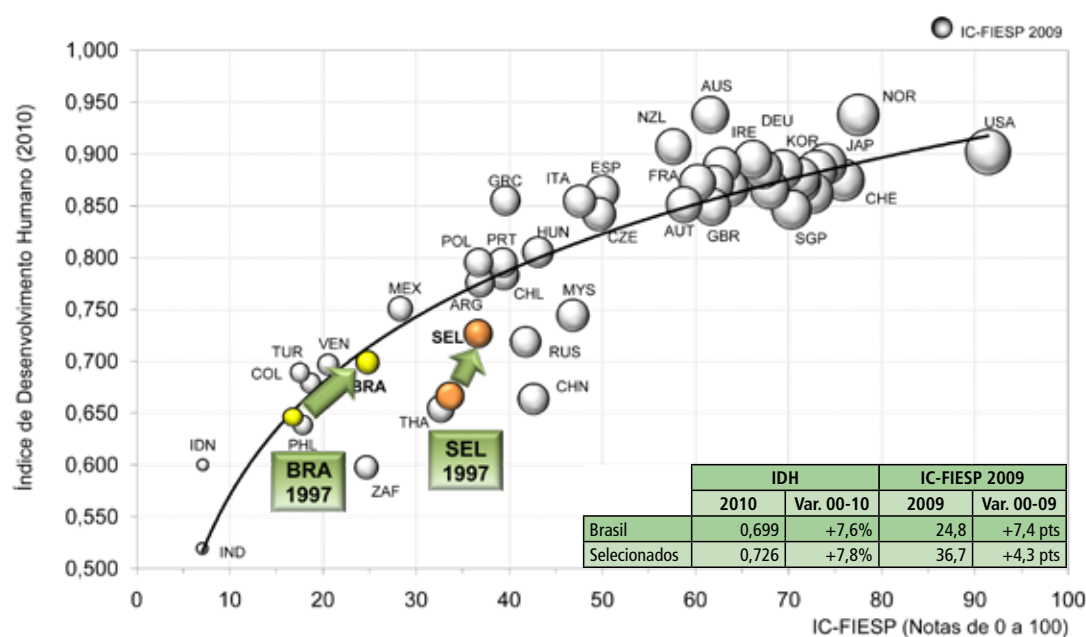
#### ANOTAÇÕES

- Percebemos também uma forte relação entre o IC-FIESP e o desenvolvimento dos países medidos pelo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).  
Quanto maior é a competitividade medida pela nota no IC-FIESP, maior é o desenvolvimento humano medido pelo IDH.
- Na nova metodologia, o IDH é composto por 4 indicadores:
  1. Expectativa de Vida;
  2. Média dos anos de escolaridade;
  3. Anos de escolaridade esperados (anos de escolaridade que uma criança pode vir a receber se as taxas de matrícula permanecerem iguais);
  4. Renda per capita.

A nova metodologia do IDH foi lançada em 2010. As bases estatísticas da PNUD disponibilizam valores a cada 5 anos a partir de 1980. O Brasil tem dados a partir de 2000. Para o cálculo do IC-2009, usamos o IDH de 2010.
- A despeito de possuir um IDH maior se comparado à média do Q4, o Brasil cresceu abaixo da média de seu quadrante no período 2000-2010.

A despeito do Brasil ter demonstrado capacidade de transformar competitividade em desenvolvimento humano, nosso IDH ainda é menor do que a média dos países Selecionados.

## IC-FIESP 2009 X IDH 2010



Fonte: PNUD e FIESP; elaboração DECOMTEC/ FIESP

Obs.: Foi utilizada a nova metodologia do IDH. \*O IDH é do ano de 2010.

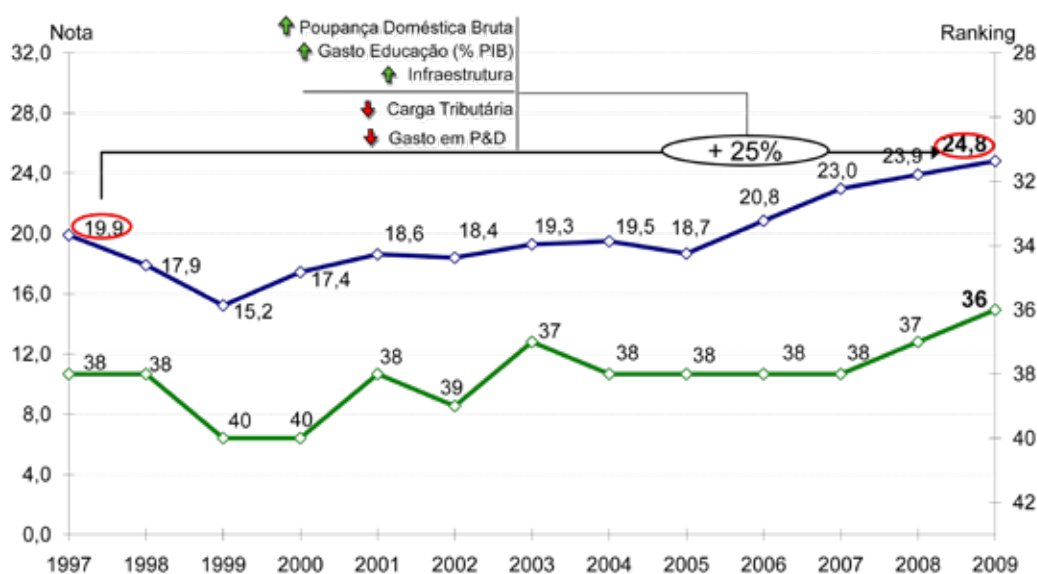
## ANOTAÇÕES

- Países acima da curva apresentam IDHs maiores do que aqueles que corresponderiam às suas notas no IC-FIESP: maior desenvolvimento humano do que seria condizente com seu nível de competitividade (exemplo: Itália, Grécia, Austrália).  
Isso reflete o estoque de ativos construídos no passado.
- Por outro lado, países abaixo da curva apresentam IDHs menores do que aqueles que corresponderiam às suas respectivas notas (exemplo: África do Sul, China e Rússia).  
Nesses casos, a competitividade que tem sido construída ainda não se traduziu plenamente em desenvolvimento humano.
- Apesar de um pouco abaixo da curva, o Brasil possui um Índice de Desenvolvimento Humano compatível com seu nível de competitividade.
  - Entre 2000 e 2009, o Brasil melhorou tanto seu IDH (+7,6%) como a nota no IC (+7,4). A variação da média do IDH dos países Selecionados foi um pouco superior à brasileira (+7,8%) e, a despeito da variação da nota do IC dos países Selecionados ter sido menor do que a brasileira no período, este bloco de países atinge uma nota de 36,7 em 2009, isto é, 11,9 pontos a mais do que a nota do Brasil em 2009 (24,8).

### III. EVOLUÇÃO E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE

Em 2009, o Brasil ganhou mais uma posição no ranking, atingindo seu melhor resultado na série desde 1997.

#### IC-FIESP - EVOLUÇÃO DA COMPETITIVIDADE DO BRASIL



Fonte: FIESP; Elaboração: Decomtec/FIESP

#### ANOTAÇÕES

- Entre 1997 e 2009 a nota no Brasil cresceu 25%. Os principais motivos para isso foram:
  - Aumento da poupança doméstica bruta e do gasto em educação (% PIB), além da melhora da infraestrutura.
  - O índice de infraestrutura agrega quatro fatores: rodovias, ferrovias, aeroportos e telefonia fixa. Dentre estes indicadores, o Brasil melhorou basicamente por conta do aumento no número de assinantes de telefonia fixa, obtendo um desempenho superior à média dos demais 42 países no período 1997 a 2009.
- Desde 1997, a competitividade do Brasil apresentou tendência de melhora. O IC-FIESP do Brasil aumentou de 19,9 em 1997 para 24,8 em 2009 (+ 4,9 pontos). Isso fez com que o país subisse da 38ª para a 36ª posição.
- Em 2009 o Brasil atingiu a maior nota da série e, pela primeira vez, ficou em 36º lugar.
  - Entretanto, poderíamos ter crescido mais se não fosse pela elevada carga tributária e os baixos gastos em P&D que nos coloca em desvantagem em relação aos nossos concorrentes.
- Fatores positivos no período 1997 e 2009:
  - Poupança Doméstica Bruta (% PIB): o Brasil aumentou 4,9 pontos percentuais, enquanto a média dos demais 42 países subiu 1 ponto; Gasto em Educação (% PIB): o Brasil aumentou 0,38 pontos percentuais, enquanto a média dos demais 42 países caiu em 0,05 ponto; Infraestrutura: o Brasil subiu 0,14 pontos no índice do BID, enquanto a média dos demais países caiu 0,004.
- Fatores negativos no período 1997 e 2009:

- Carga Tributária (% PIB): o Brasil aumentou 6,1 pontos percentuais, enquanto a média dos demais 42 países reduziu em 2,3 pontos; Gasto em P&D (% PIB): o Brasil aumentou somente 0,07 ponto percentual, enquanto a média dos demais 42 países aumentou em 0,3.

No longo prazo (1997-2009), o Brasil é o 11º país que mais ganhou competitividade, saindo de 19,9 pontos para 24,8 (+ 4,9).

## QUEM MAIS GANHOU E QUEM MAIS PERDEU? (ENTRE 1997 e 2009)

### GANHARAM COMPETITIVIDADE

1º Rússia	+ 17,2
2º República Checa	+ 9,8
3º China	+ 9,0
Poupança Doméstica Bruta	↑
Gasto em P&D	↑
Produtividade da Indústria	↑

### PERDERAM COMPETITIVIDADE

1º Japão	- 12,0
2º Finlândia	- 11,2
3º Estados Unidos	- 9,8
Balança Comercial	↓
Exportações Líquidas de Manufaturas	↓
Risco do Sistema Financeiro	↓

### ANOTAÇÕES

- Apontamos os 3 países que mais ganharam e mais perderam competitividade no longo prazo (1997 a 2009).
- Nesse período, os países que mais ganharam competitividade: Rússia, República Checa e China, tendo se destacado nesse bloco o aumento da poupança doméstica bruta, o gasto em P&D e a produtividade da indústria.
- Já entre os que perderam competitividade estão: Japão, Finlândia e Estados Unidos, tendo se destacado nesse bloco uma piora na balança comercial e nas exportações líquidas de manufaturas, além do aumento no risco do sistema financeiro.
- Observação: sobre o ganho de competitividade da RÚSSIA, ver anotação sobre crise de 1997/1998 na página 13.

### III. EVOLUÇÃO E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE

República Checa, China e Rússia são exemplos de países que mais ganharam competitividade no longo prazo...

#### PAÍSES QUE GANHARAM COMPETITIVIDADE: 1997 a 2009

PAÍS	PRINCIPAIS FATORES DE GANHO DE COMPETITIVIDADE
<b>Rep. Checa</b> (23º NO IC)	<ul style="list-style-type: none"><li>• Exportações Líquidas de Bens e Serviços</li><li>• Produtividade dos setores de serviços e indústria</li><li>• Inflação ao consumidor</li><li>• Taxa de juros para depósito</li></ul>
<b>China</b> (27º NO IC)	<ul style="list-style-type: none"><li>• Gastos em P&amp;D</li><li>• Patentes</li><li>• Infraestrutura</li><li>• Risco do sistema financeiro</li><li>• Investimento fixo (FBCF)</li></ul>
<b>Rússia</b> (28º no IC)	<ul style="list-style-type: none"><li>• Poupança doméstica bruta</li><li>• Spread bancário</li><li>• Investimento fixo (FBCF)</li><li>• Produtividade dos setores de serviços e indústria</li></ul>

#### ANOTAÇÕES:

- Os valores a seguir indicam a variação ocorrida nos países entre o período de 1997 a 2009.
- República Checa: tem melhorado o ambiente de negócios e estimulado as exportações
  - Inflação ao consumidor: foi de 8,6% para 1,0% (redução de 7,6pp); taxa de juros para depósito: de 7,7% a.a. para 1,3% a.a. (redução de 6,4pp) .
  - Exportações líquidas de bens e serviços (% PIB): foi de -5,2% para 5,6% (aumento de 10,8 pp);
  - Produtividade da indústria (US\$ PPC por pessoal ocupado): foi de 22.109 para 48.812 (aumento de 120%);
  - produtividade do setor de serviços (US\$ PPC por pessoal ocupado): de 24.762 para 47.083 (aumento de 90%);
- China: optou por uma estratégia de fortes investimentos em capital fixo, tecnologia e infraestrutura
  - Gasto em P&D (% PIB): foi de 0,6% para 1,4% (aumento de 0,8 pp), convertendo este esforço em resultados na geração de patentes: patentes residentes (registros): de 12.672 para 194.579 (aumento de 1.435%) e patentes de não residentes: de 12.102 para 95.259 (aumento de 687%);
  - Índice BID de Infraestrutura: foi de -0,74 para -0,47 (aumento de 0,27 pontos);
  - Investimento fixo (FBCF % PIB): foi de 31,8% para 42% (aumento de 10,2pp);
  - Risco do sistema financeiro (quanto maior o valor, menor o risco): foi de 43,5 para 47,8 (redução do risco em 4,3);
- Rússia: tem melhorado seu ambiente de negócios, tornando o país mais competitivo:
  - Poupança doméstica (% PIB): foi de 24,2% para 34,6% (aumento de 10,4 pp);



- Spread bancário: foi de 15,3% a.a. para 6,7% a.a. (redução de 8,6pp);
  - Investimento fixo (FBCF % PIB): foi de 18,3% para 21,3% (aumento de 3pp).
- São fatores que contribuem para o aumento da produtividade da economia:
- Produtividade da indústria (US\$ PPC por pessoal ocupado): foi de 14.648 para 41.064 (aumento de 180%);
  - produtividade do setor de serviços (US\$ PPC por pessoal ocupado): de 7.090 para 29.644 (aumento de 320%).

... enquanto Estados Unidos, Japão e Finlândia são exemplos de países que mais perderam competitividade no longo prazo.

## PAÍSES QUE PERDERAM COMPETITIVIDADE: 1997 a 2009

PAÍS	PRINCIPAIS FATORES DE PERDA DE COMPETITIVIDADE
<b>Estados Unidos</b> (1º no IC)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exportações de alta tecnologia</li> <li>• Exportações líquidas de manufaturas</li> <li>• Poupança doméstica bruta</li> <li>• Risco do sistema financeiro</li> <li>• Investimento (FBCF)</li> </ul>
<b>Japão</b> (5º NO IC)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alíquota de imposto sobre o lucro das empresas</li> <li>• Crédito ao setor privado</li> <li>• Investimento fixo (FBCF)</li> <li>• Produtividade da indústria</li> <li>• Produção de patentes</li> </ul>
<b>Finlândia</b> (16º no IC)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exportações líquidas de bens e serviços</li> <li>• Produtividade da indústria</li> <li>• Risco do sistema financeiro</li> <li>• Taxa de juros de curto prazo</li> <li>• Alíquota de imposto sobre o lucro das empresas</li> </ul>

### ANOTAÇÕES:

- Os valores a seguir indicam a variação ocorrida nos países entre o período de 1997 a 2009. Em geral, os países sofreram em fatores como investimento, produtividade e exportações devido, principalmente à retração causada pela crise financeira em 2008/2009.

### III. EVOLUÇÃO E DETERMINANTES DA COMPETITIVIDADE

---

#### ■ Estados Unidos:

- Exportações de alta tecnologia (% PIB): foi de 26,2% para 15,5% (redução de 10,7 pp); exportações líquidas de manufaturas (% PIB): de -1,8% para -2,8% (redução de 1pp);
- Poupança doméstica bruta (% PIB): de 18,3% para 13,2% (redução de 5,1pp);
- Risco do sistema financeiro (quanto maior o valor, menor o risco): de 37,5 para 33,2 (aumento do risco em 4,3 pontos);
- Investimento fixo (FBCF % PIB): foi de 18,8% para 15,7% (redução de 3,1pp).

#### ■ Japão:

- Alíquota de imposto sobre o lucro das empresas: foi de 31,1% para 40,5% (aumento de 9,4pp);
- Crédito ao setor privado (% PIB): de 218% para 174% (redução de 44pp);
- Investimento fixo (FBCF % PIB): de 27,7% para 20,6% (redução de 7,1pp);
- Produtividade da indústria (US\$ PPC por pessoal ocupado): de 56.157 para 70.709 (aumento de apenas 26%);
- Patentes de residentes (registros): de 349 mil para 330 mil (redução de 5,5%).

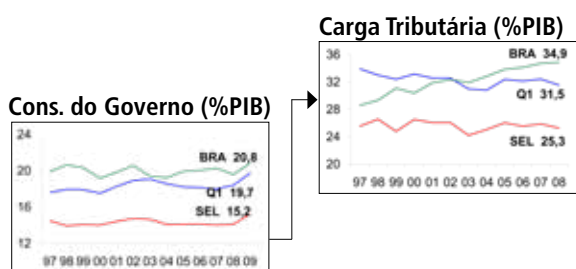
#### ■ Finlândia:

- Exportações líquidas de bens e serviços (% PIB): foi de 7,4% para 2,6% (redução de 4,8pp);
- Produtividade da indústria (US\$ PPC por pessoal ocupado): de 64.310 para 74.546 (aumento de apenas 15,9%);
- Risco do sistema financeiro (quanto maior o valor, menor o risco): de 39,0 para 35,6 (aumento do risco em 3,4 pontos);
- Juros de curto prazo: de 5,3% a.a. para 10% a.a. (aumento de 4,7pp);
- Imposto sobre lucro das empresas: de 28% para 26% (redução de 2pp, mas a média dos demais 42 países reduziu o imposto em 8,1pp).

## IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO

O elevado consumo do governo brasileiro demanda uma carga tributária elevada para se sustentar.

### AMBIENTE DE NEGÓCIOS



Fontes: Banco Mundial, FMI, SCN e BCB; Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

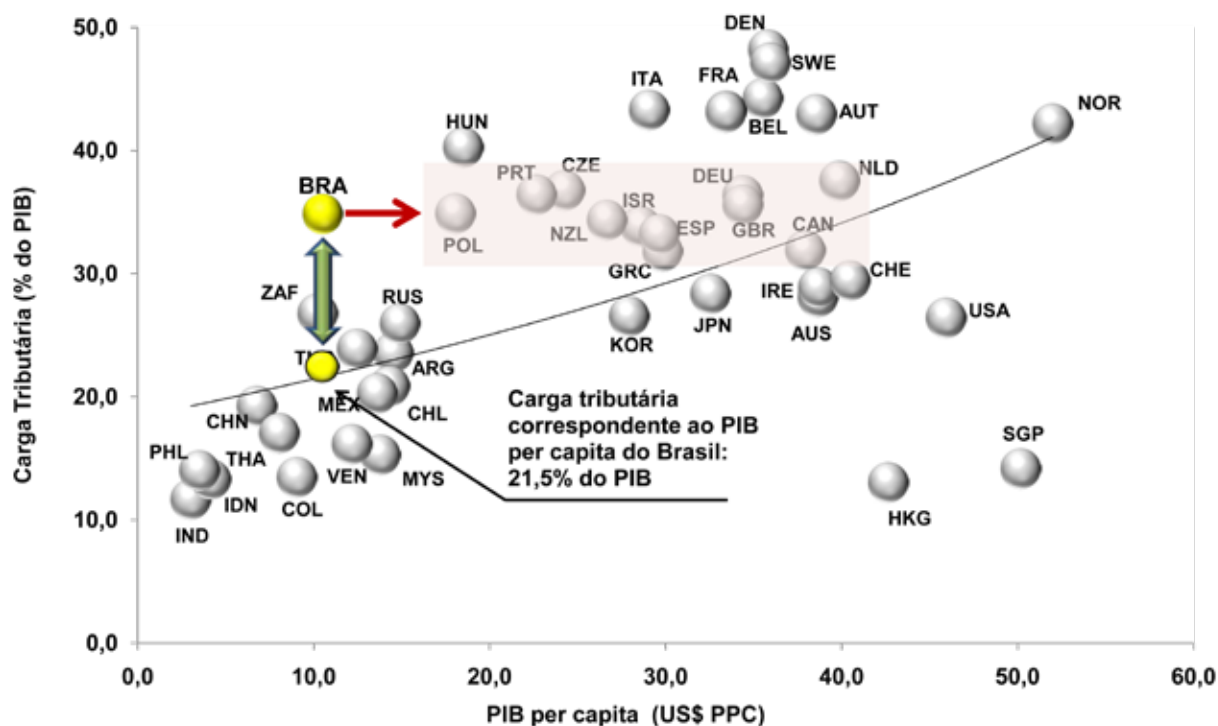
#### ANOTAÇÕES:

- Para sustentar o alto nível de consumo do governo é necessário ter elevada carga tributária;

## IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO

A carga tributária correspondente ao nosso nível de PIB per capita é de 21,5% do PIB. À carga atual, entretanto, nos corresponderia um PIB per capita semelhante a Polônia, Portugal, Reino Unido, Espanha e Alemanha.

### CARGA TRIBUTÁRIA (2008) X PIB PER CAPITA (US\$ PPC, 2009)



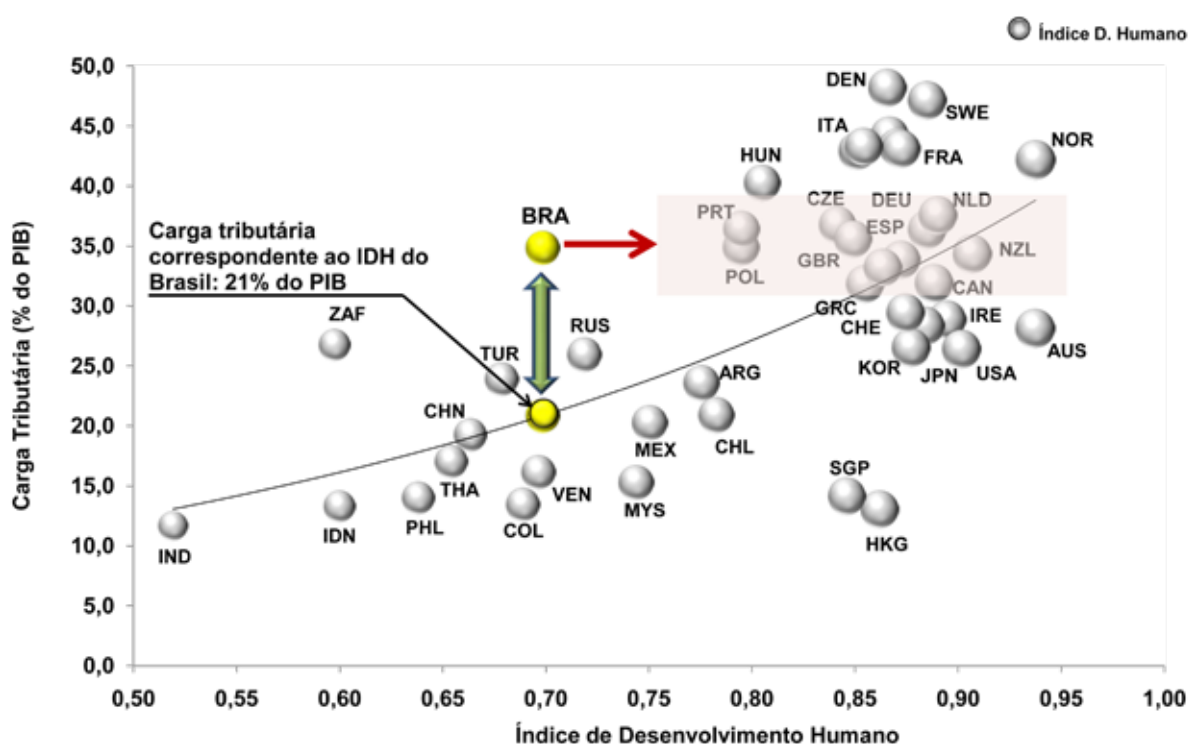
Fontes: IMD, WEO-FMI e IBGE. Elaboração DECOMTEC/FIESP.

#### ANOTAÇÕES:

- A carga tributária brasileira não condiz com seu nível de PIB per capita.
- O Brasil possui uma carga de 34,86% do PIB (2008) e um PIB per capita de US\$ PPC 10.515 (2009).
- A carga tributária condizente com o nível de PIB per capita seria próximo a 21,5% do PIB.
- Para a carga tributária que o Brasil apresentou em 2008, de 34,86% do PIB, corresponderia a um desenvolvimento e oferta de serviços sociais que deveria elevar nosso PIB per capita ao patamar dos países desenvolvidos, como Polônia, Portugal, Reino Unido, Espanha, Alemanha, Holanda etc.

Em relação aos retornos sociais, ao nosso nível de IDH corresponderia uma carga tributária de 21% do PIB, valor análogo à análise com o PIB per capita no slide anterior. Ainda, à carga atual, corresponderia a um IDH semelhante a Polônia, Portugal, Reino Unido, Espanha e Alemanha.

## CARGA TRIBUTÁRIA (2008) X ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (2010)



Nota: Foi utilizada a nova metodologia do IDH, divulgada em 2010.  
Fontes: IMD, PNUD e IBGE. Elaboração DECOMTEC/FIESP.

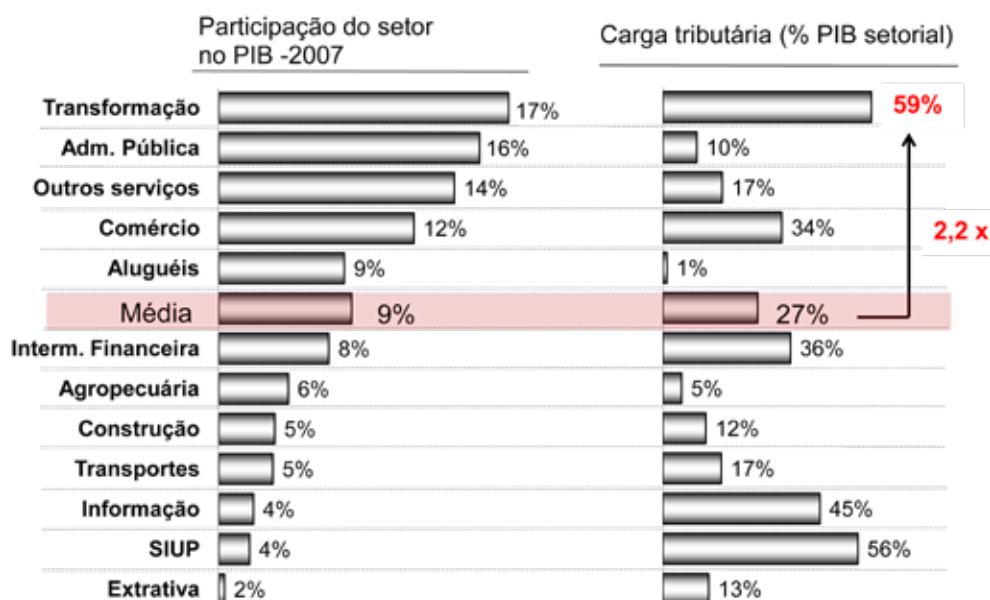
### ANOTAÇÕES:

- O mesmo ocorre quando comparamos a carga tributária com o nível de desenvolvimento humano do país, medido pelo IDH.
- A carga tributária brasileira não condiz com seu nível de desenvolvimento social, medido pelo IDH.
  - O Brasil possui uma carga de 34,86% do PIB (2008) e um IDH de 0,699 (2010).
- A carga tributária condizente com o nível de IDH seria próximo a 21% do PIB.
- Para a carga tributária que o Brasil apresentou em 2008, de 34,86% do PIB, corresponderia a uma oferta de serviços sociais que deveria elevar nosso IDH ao patamar dos países desenvolvidos, como Polônia, Portugal, Reino Unido, Espanha, Alemanha, Holanda etc.
- Observa-se que, tanto pelo critério do PIB per capita, quanto pelo IDH, a carga tributária do Brasil deveria ser em torno de 21% do PIB.

## IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO

No quesito tributação, a indústria brasileira carrega o maior ônus tributário: sua carga é 2,2 vezes maior do que a média da carga tributária (em % PIB setorial) dos setores da economia...

### PIB E CARGA TRIBUTÁRIA DOS SETORES - 2007



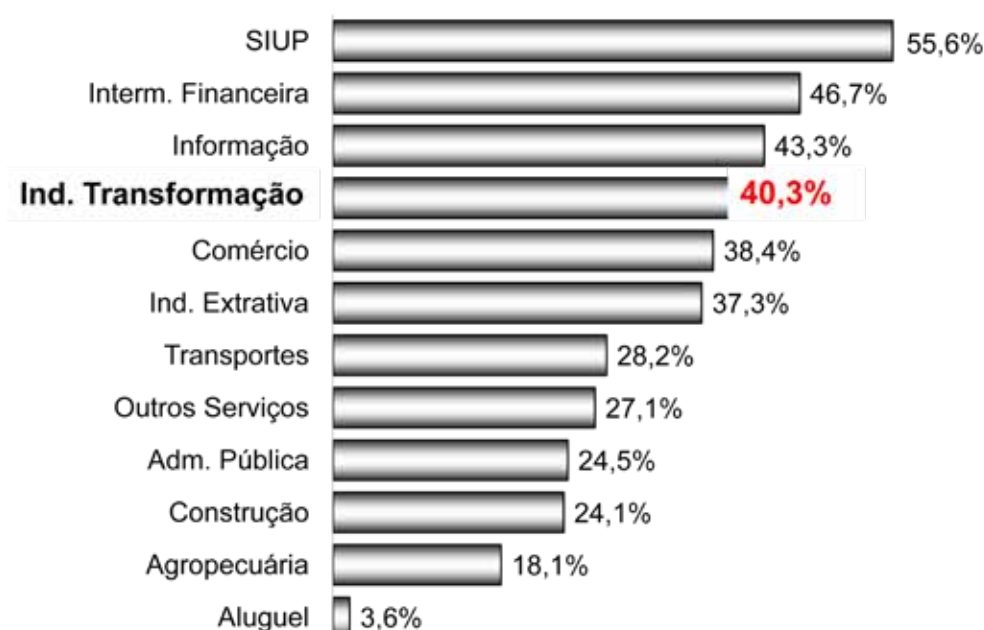
Fonte: RFB; CONFAZ; CEF; IBGE. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

#### ANOTAÇÕES:

- A carga tributária da indústria de transformação representa 59% de seu PIB:
- A carga da indústria é mais do dobro da média dos setores (2,2 vezes maior).  
Carga da indústria = 59%. Média dos demais setores = 27%
- Administração Pública e Outros Serviços também possuem elevado PIB setorial (15,5% e 14,2%). Mas a carga tributária que incide nesses setores é bastante baixa se comparada à da indústria de transformação.
  - A carga da Adm. Pública é 10% de seu PIB.
  - A carga de Outros Serviços é 17% de seu PIB.
- A carga elevada da indústria de transformação restringe sua expansão que, pelo alto impacto intersetorial, seria capaz de estimular o crescimento da economia do país.
- Nota sobre cálculo da carga tributária: a base para este cálculo está apresentada no estudo "A Carga Tributária no Brasil: Repercussões na Indústria de Transformação." (disponível em <http://www.fiesp.com.br/competitividade/publicacoes.aspx>), divulgado pelo Decomtec em 2010.
  - A análise da carga tributária dos setores considera os tributos terminantemente atribuídos aos setores de atividade econômica. Isto implica que a análise inclui todos os tributos, exceto os que correspondem à pessoa física e os tributos municipais e estaduais (salvo o ICMS, que foi considerado no cálculo) cujas distribuições entre os setores são desconhecidas.

... o que provoca um impacto de 40,3% sobre os preços do setor.

## IMPACTO DA CARGA TRIBUTÁRIA NOS PREÇOS



Fonte: IRFB, CONFAZ, IBGE. Elaboração: DECOMTEC/FIESP. Dados relativos a 2007.

### ANOTAÇÕES:

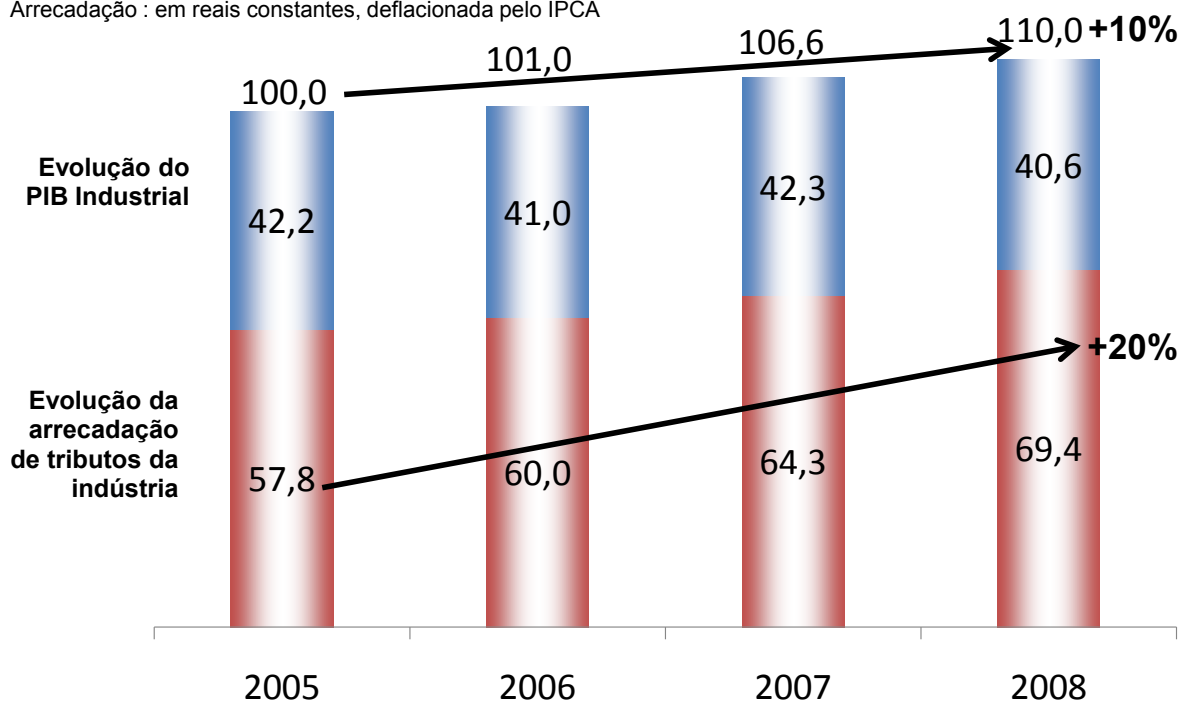
- Ind.de transformação:
  - os preços contêm, em média, 40,3% de tributos que são:
    - do próprio setor (efeito direto)
    - da cadeia produtiva
- Serviços industriais de utilidade pública (SIUP), Intermediação Financeira e Serviços de Informação:
  - participações mais elevadas de tributos
  - por serem tradeable, seus preços não sofrem influências diretas do comércio internacional, ao contrário da indústria, em que a alta tributação reduz sua competitividade.
  - e, além disso, devido ao repasse dos tributos desses setores (SIUP, Intermediação Financeira e Serviços de Informação) para seus preços finais, a competitividade da indústria brasileira, principal demandante desses serviços, também fica prejudicada.

## IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO

Além disso, a carga tributária na indústria tem se elevado mais rapidamente do que o seu PIB: entre 2005 e 2008, a arrecadação cresceu 20%, enquanto que o PIB industrial evoluiu 10%.

### EVOLUÇÃO DA ARRECADAÇÃO E DO PIB INDUSTRIAL (base 2005=100)

Arrecadação : em reais constantes, deflacionada pelo IPCA



Fontes: RFB, CONFAZ, IBGE. Elaboração DECOMTEC/FIESP.

#### ANOTAÇÕES:

- PIB da indústria de transformação: base 100 em 2005
- Arrecadação: em R\$ constantes corrigidos pelo IPCA



---

Além do nível da carga tributária ser elevado no Brasil, a burocracia tributária também é bastante alta no país.

### ► Burocracia Tributária

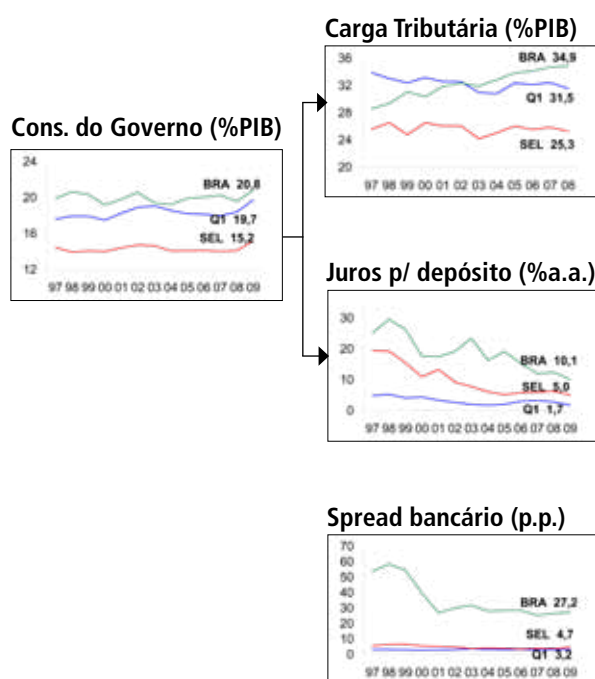
- Empresa média no Brasil precisou atender **3.207** normas tributárias (IBPT, 2008).
- Horas gastas no ano para pagar tributos (Banco Mundial, 2010):
  - Brasil: **2.600** horas x OCDE: 216 horas
- Estimativas de burocracia tributária (USP, 2001, valores atualizados para 2009):
  - **R\$ 20 bilhões** são gastos com burocracia tributária
- A cada **26 minutos** a Receita Federal cria 1 nova regra (Diário Oficial, 2010)

Fontes: IBPT, 2008, Banco Mundial, 2010, Bertolucci, 2001 e Diário Oficial, 2010

## IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO

Além da alta carga tributária, são necessários juros elevados para o financiamento do consumo do governo brasileiro. Adicionalmente, temos o spread mais elevado do mundo.

### AMBIENTE DE NEGÓCIOS



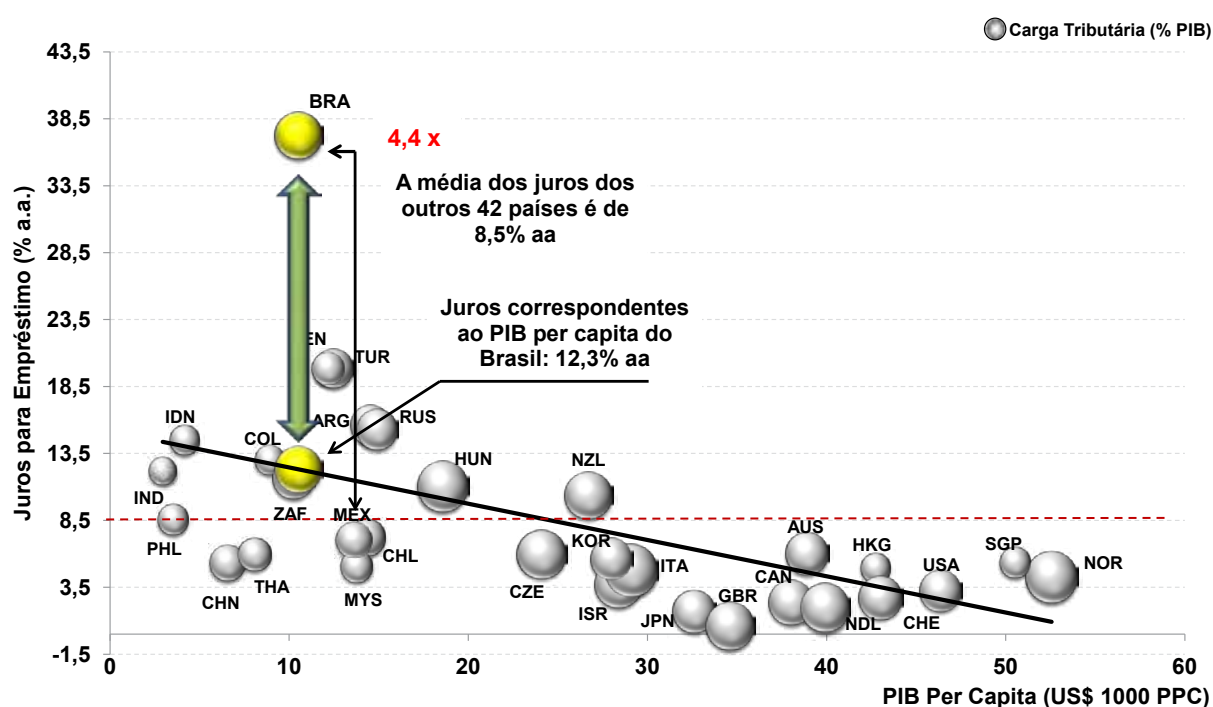
Fontes: Banco Mundial FMI SCN e BCB; Elaboração DECONTEC/FIESP

#### ANOTAÇÕES:

- Para sustentar o alto nível de consumo do governo é necessário ter elevados juros para depósito e elevada carga tributária;

No Brasil, o custo do capital de giro das empresas é elevado devido aos juros e ao spread. Os juros correspondentes ao nível de renda per capita do Brasil seriam de 12,3% aa.

## JUROS PARA EMPRÉSTIMOS X PIB PER CAPITA - 2009



Fonte: Bacen, IBGE (SCN 2000) e FMI. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

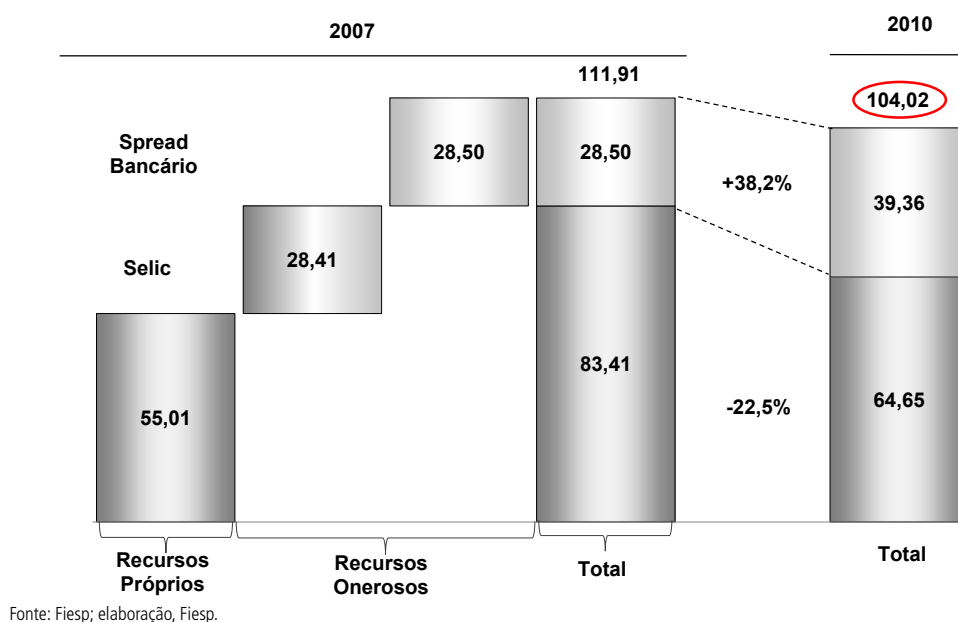
### ANOTAÇÕES:

- Mesmo entre os países com renda semelhante à do Brasil, os juros para empréstimo brasileiros são discrepantes.
- A média dos juros dos outros 42 países do IC-FIESP é 8,5% ao ano.
- O valor dos juros no Brasil, em 2009, foi de 37,3%: mais de quatro vezes o valor da média.
- Os juros condizentes com o nível de PIB per capita brasileiro seria próximo a 12,3% a.a.

## IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO

A indústria, em 2010, teve um custo do capital de giro de R\$ 104,02 bilhões, compostos de R\$ 64,65 bilhões referentes à Selic e R\$ 39,36 bilhões ao spread bancário para a pessoa jurídica. Apesar da queda do custo referente à Selic entre 2007 e 2010, houve um aumento de 38,2% do spread.

### INDÚSTRIA - DECOMPOSIÇÃO DO CUSTO DO CAPITAL DE GIRO - 2007 E 2010

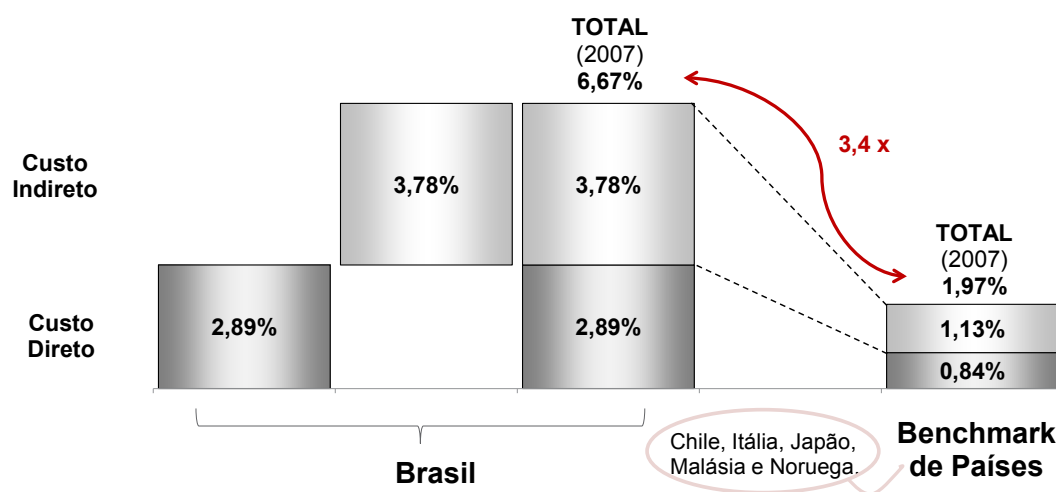


#### ANOTAÇÕES:

- 2007: custo estimado do capital de giro = custo direto + custo indireto
- Custo direto (custo de capital de giro do próprio setor) + custo indireto (custo de capital da cadeia à montante) = 2,89% + 3,78% = 6,67% do preço dos produtos industriais, o que significa um custo de capital de giro de R\$ 111,91 bilhões.
- O custo de capital de giro de R\$ 111,91 bilhões (2007) pode ser dividido em:
  - Custo referente à SELIC = R\$ 83,41 bilhões
  - Custo referente ao spread bancário para pessoa jurídica = R\$ 28,50 bilhões
- 2010: custo estimado do capital de giro
- Custo total de R\$ 104,02 bilhões
  - Custo referente à SELIC = R\$ 64,65 bilhões
  - Custo referente ao spread bancário para pessoa jurídica = R\$ 39,36 bilhões
- A redução do custo do capital de giro de R\$ 111,91 bilhões para R\$ 104,02 bilhões entre 2007 e 2010 (-7,1%) foi gerada principalmente pela redução da taxa SELIC, pois houve elevação do custo referente ao spread bancário.

O custo total do capital de giro da indústria brasileira (6,67% do preço dos produtos industriais) é 3,4 vezes maior do que o custo nos países concorrentes.

## INDÚSTRIA - CUSTO DO CAPITAL DE GIRO SOBRE PREÇO DOS PRODUTOS INDUSTRIAIS - 2007



Fonte: IBGE, FGV. Adaptação: DECOMTEC/FIESP.

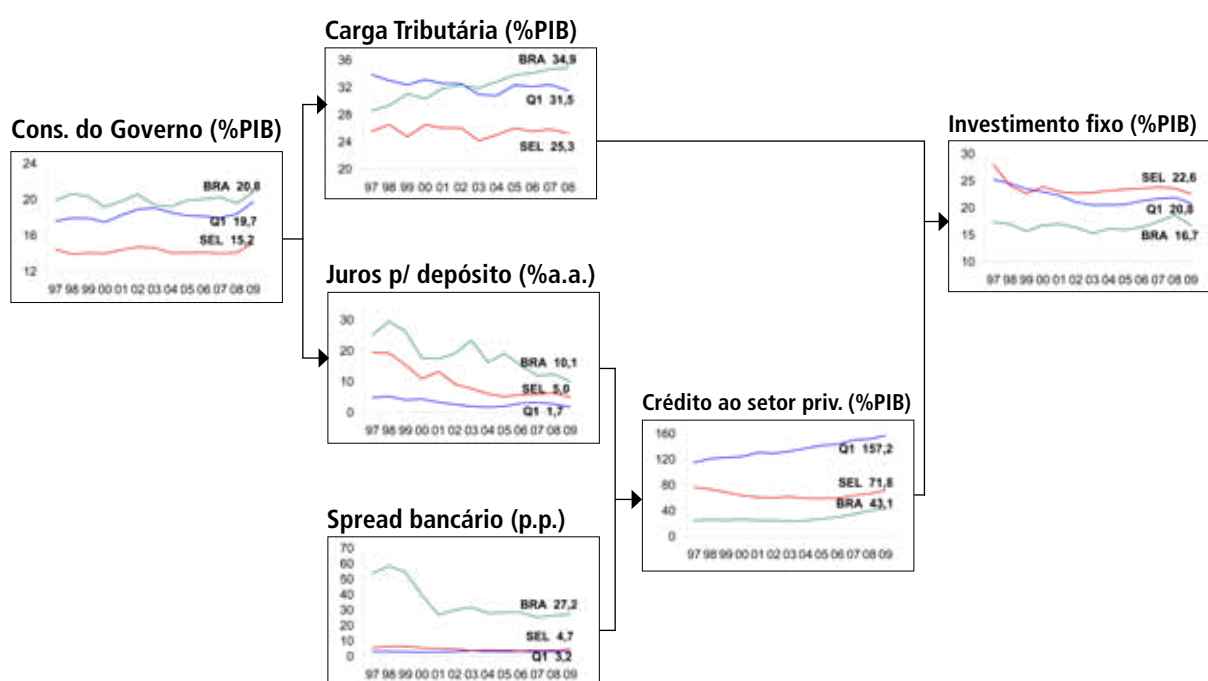
### ANOTAÇÕES:

- Custo de capital de giro no Brasil em 2007: 6,67% do preço dos produtos industriais, que pode ser dividido em :
  - Custos indiretos: 3,78%
  - Custos diretos: 2,89%
- O custo de capital de giro do benchmark de países é de 1,97% do valor da produção, sendo :
  - Custos indiretos: 1,13%
  - Custos diretos: 0,84%
- Custo total do Brasil é 3,38 vezes maior do que o do benchmark
  - Custo indireto é 3,34 vezes maior do que o do benchmark
  - Custo direto é 3,44 vezes maior do que o do benchmark
- Benchmark de países: Chile, Itália, Japão, Malásia e Noruega. Dentre os países do IC, estes calculam os juros com metodologia semelhante à do Brasil. Além disso, o resultado do benchmark de países considera para estas nações a mesma estrutura industrial do Brasil (descrita pela a matriz insumo-produto), mas utiliza os níveis de juros dos próprios países.

## IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO

Elevados juros e spread limitam o crédito, o que, combinado com alta e crescente carga tributária, desestimulam o investimento (FBCF).

### AMBIENTE DE NEGÓCIOS



Fontes: Banco Mundial, FMI, SCN e BCB; Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

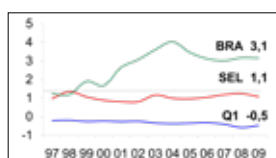
#### ANOTAÇÕES:

- Juros para depósito e spread bancário, combinados, ajudam a explicar o tímido desenvolvimento do mercado de crédito no Brasil.
- Assim, carga, juros e crédito explicam a discrepância entre as taxas de investimento do Brasil e a dos países selecionados e mais competitivos.
- Apesar do crescimento recente, anterior ao efeito da crise financeira em 2008/09, a taxa de investimento brasileira é significativamente menor do que a desses dois grupos.
- Os países do Q1 precisam apenas manter seus ativos e, por isso, têm espaço para investir menos. Porém, se o Brasil quiser competir em igualdade com seus concorrentes deve realizar esforço semelhante ao dos países SELECIONADOS, que investem, em média, 23% do PIB.

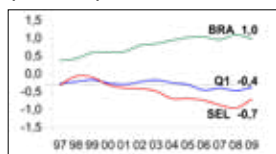
O Brasil não mostra um desempenho competitivo em seus resultados comerciais, principalmente por causa do déficit em manufatura, explicado, em grande parte, pelo comportamento do câmbio...

## COMÉRCIO INTERNACIONAL

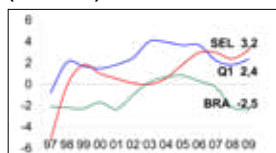
Saldo em Alimentos e Matérias Primas (% PIB)



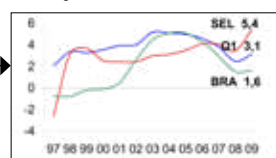
Saldo em Minerais e Metais (% do PIB)



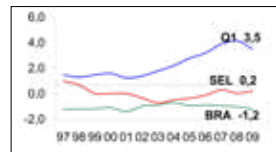
Saldo em Manufaturas (% do PIB)



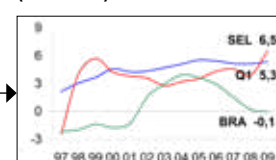
Balança Comercial (% do PIB)



Saldo em Serviços (% do PIB)



Saldo em Bens e Serviços (% do PIB)



**O Brasil leva 5,47 dias para a liberação alfandegária**  
Coreia: 1;  
Chile: 1,32 dias

**82º lugar em eficiência na liberação de transações alfandegárias (155 países)**

Fontes: Banco Mundial (WITS), FMI, IBGE (SCN) e BCB; Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

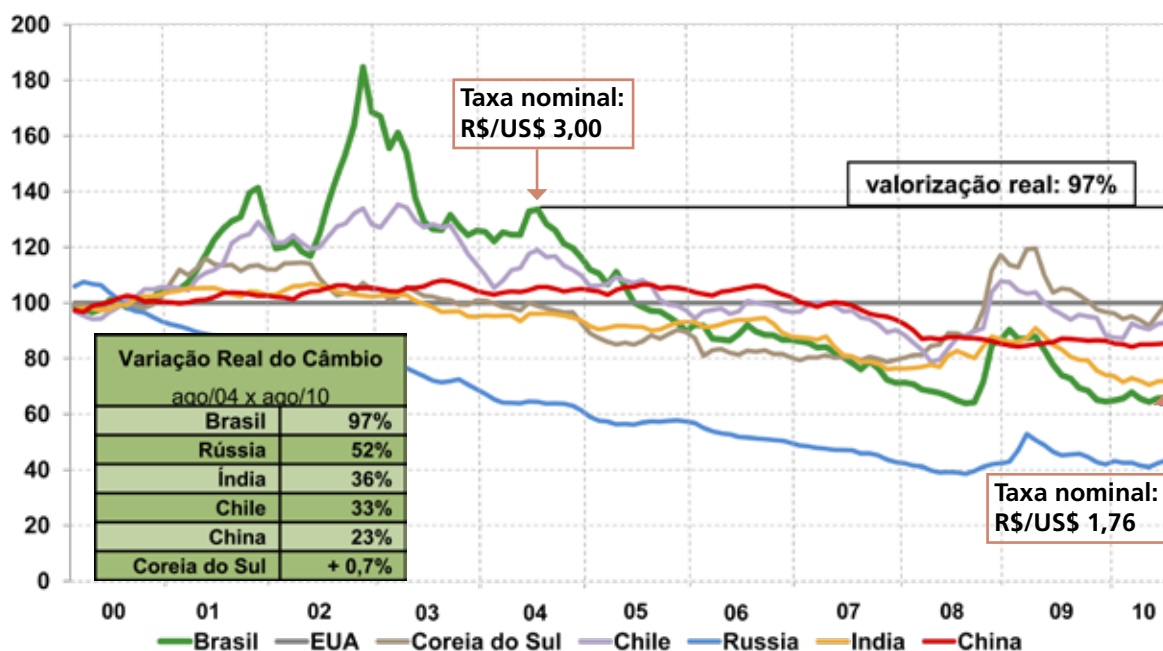
### ANOTAÇÕES:

- Exportações líquidas de commodities (alimentos, matérias-primas, minerais e metais) cresceram rapidamente entre 2000 e 2005 e depois estabilizaram. Mas, mesmo assim, superando as dos países competitivos e selecionados.
- As exportações líquidas de manufaturas brasileiras alcançaram a média dos países selecionados somente entre 2003 e 2004. Porém, a partir de 2007 apresentam um déficit crescente, atingindo um saldo negativo de 2,5% do PIB em 2009. O comportamento geral, entretanto, é a manutenção de uma grande desvantagem em relação aos países mais competitivos e selecionados.
- Com exceção do período de 2002 a 2006, a balança comercial brasileira mantém-se, em geral, abaixo dos outros países. Como o saldo em manufaturas é predominantemente negativo e o resultado da balança comercial é, em geral, positivo, deduz-se que a balança comercial é sustentada principalmente pelo saldo em commodities. Já o saldo em serviços é sempre negativo e abaixo dos países concorrentes.
- No computo geral, o gap entre as exportações líquidas de bens e serviços do Brasil em relação aos países selecionados, o qual fora zerado em 2004, voltou a existir.
- Ao compararmos com os demais países, observa-se que o mau desempenho brasileiro ocorre devido às exportações líquidas de manufaturas. Em parte isso se deveu à valorização cambial...

## IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO

... em que se observa que a queda do saldo comercial brasileiro em manufaturas corresponde ao período de valorização cambial.

### CÂMBIO REAL - EVOLUÇÃO EM RELAÇÃO AO DÓLAR AMERICANO - JAN/2000 A JUL/2010



Fonte: OCDE e BCB. Elaboração: DECOMTEC/FIESP

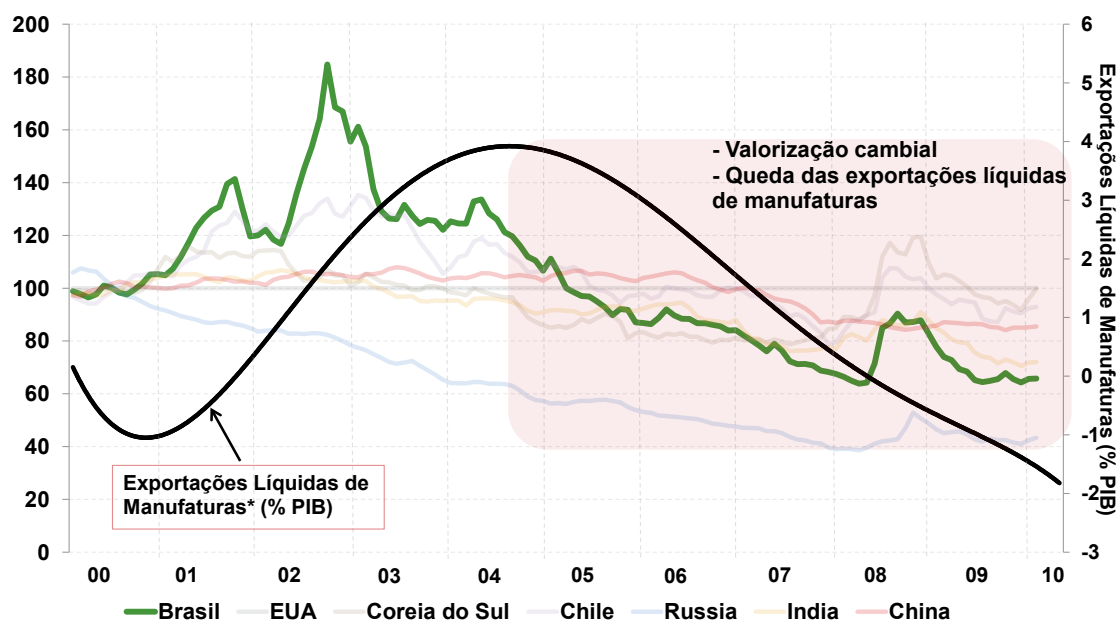
#### ANOTAÇÕES:

- As variações estão medidas em relação ao dólar.
- A valorização REAL do câmbio foi de 97% entre agosto/2004 e agosto/2010.
- Causas da apreciação cambial: demanda robusta pelas commodities produzidas no Brasil; crescimento da economia doméstica; juros elevados (atrativo para o capital estrangeiro).
- Os valores destacados no gráfico (R\$/US\$3,00 e R\$/US\$ 1,76) são da taxa NOMINAL de câmbio.
- Com os valores da taxa nominal calcula-se uma valorização um pouco menor (=70%) porque a inflação brasileira foi maior do que a americana no período. Mas mesmo assim, não tira o peso da grande valorização cambial (em termos reais) que ocorreu no período.
- A inflação foi considerada por meio do índice de preços ao consumidor.



... em que se observa que a queda do saldo comercial brasileiro em manufaturas corresponde ao período de valorização cambial.

### CÂMBIO REAL - EVOLUÇÃO EM RELAÇÃO AO DÓLAR AMERICANO - JAN/2000 A JUL/2010

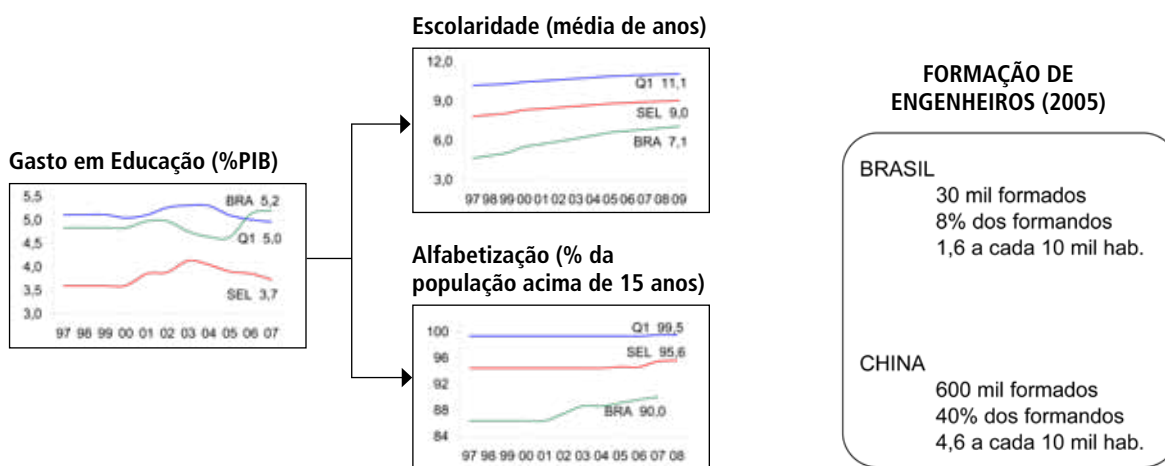


Fonte: OCDE e BCB. Elaboração: DECOMTEC/FIESP \* Linha de tendência

## IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO

A melhora recente nos investimentos em educação reflete-se lentamente em um proporcional aumento da alfabetização e escolaridade...

### AMBIENTE EDUCACIONAL



Fonte: Banco Mundial, UNESCO e PNUD; Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

#### ANOTAÇÕES:

- Os gastos em educação do Brasil cresceram significativamente a partir de 2005, sendo que em 2006 já superavam os gastos do Q1 e Selecionados.
- No entanto o Brasil ainda não consegue traduzir este esforço em elevada escolaridade e alfabetização, dado que os resultados desse tipo de investimento demoram para aparecer.
- Portanto, os gastos públicos em educação no Brasil não têm gerado resultados satisfatórios, quando comparados ao desempenho de outras nações. O nível de escolaridade é bastante inferior aos alcançados por países com praticamente mesmo gasto, como veremos no próximo slide. Em comparação com os Selecionados, os investimentos brasileiros em educação são ineficientes: pois os Selecionados têm um histórico de gasto inferior ao brasileiro, mas que foi suficiente para se traduzir em maior escolaridade e alfabetização.
- Além da questão quantitativa, a educação no Brasil também apresenta problemas qualitativos:
- Dois indicadores brasileiros, calculados pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), mostram o estado da educação nacional. Ambos avaliam a qualidade das instituições de ensino superior, seja em cursos de graduação (indicador CPC) ou também de pós-graduação (indicador IGC). Em 2008:
  - Apenas 1% das instituições avaliadas receberam a nota máxima 5; Quase 28% ficaram com notas 1 e 2 e são consideradas instituições ruins; Menos de 1% dos cursos de pedagogia obtiveram nota máxima 5. Segundo pesquisas ligadas aos dados do MEC, a má qualidade na formação dos professores, coordenadores e diretores das escolas, formados, na maioria, em cursos de pedagogia, é a principal causa da precária situação do ensino fundamental no Brasil
- A comparação entre Brasil e China mostra importantes diferenças em termos do ensino superior na formação de engenheiros, o que coloca ao Brasil um desafio em termos de inovação tecnológica.

... apesar disso, o Brasil mostra sérias desvantagens em relação a seus concorrentes.

## COMPARATIVO DE GASTOS PÚBLICOS EM EDUCAÇÃO E INDICADORES EDUCACIONAIS (MÉDIA 1999 A 2008)

	Brasil	Am. Latina	Rússia	Índia	China
Gasto Público em educação (% PIB)	4,3%	4,0%	3,5%	3,7%	1,9% <sup>1</sup>
Gasto Público em Educação (US\$/estudante)	978	1,05	2,885	309	4751
Anos de Escolaridade	6,1	8,3	9,4	4,7	7,3
Taxa de Analfabetismo <sup>2</sup>	11,3%	8,0%	0,5%	38,1%	7,7%
Média PISA 2009 <sup>3</sup>	401	402	468	n.d.	n.d.
Repetência no Primário	21,4%	5,8%	0,9%	3,6%	n.d.
IDE – 2001 a 2007 <sup>4</sup>	0,90	0,92	n.d.	0,76	0,95

1: o único dado para a China refere-se ao ano de 1999. 2: pessoas acima de 15 anos. 3: média aritmética de ciências, matemática e leitura. Estão considerados como América Latina: Argentina, Chile, Colômbia, México e Uruguai. 4: último ano para a China é 2006  
Fonte: Banco Mundial, UNESCO e PNUD; Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

### ANOTAÇÕES:

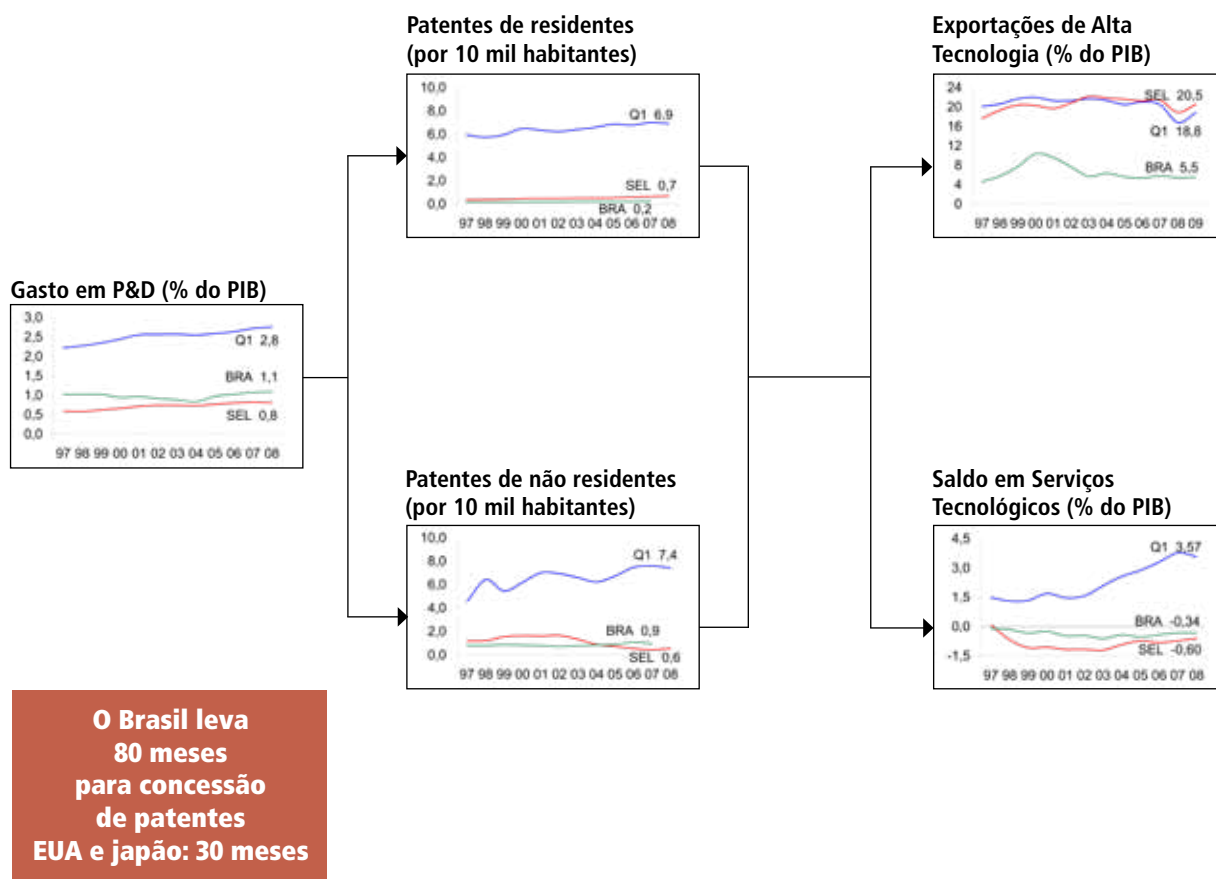
- IDE: índice de desenvolvimento educacional. Pondera igualmente:
  - a proporção de crianças em idade escolar primária que estão matriculadas na educação primária ou secundária; a taxa de alfabetização da população com mais de 15 anos; o índice de paridade de gêneros em matrículas do ensino primário e secundário e taxa de alfabetização de adultos; a taxa de conclusão do 5º ano do primário (ou último ano do primário).
- PISA: é um programa internacional de avaliação comparada, que tem como objetivo produzir indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais, avaliando alunos na faixa dos 15 anos de idade (desenvolvido e coordenado pela OCDE)
  - A escolha das escolas avaliadas é realizada pelo Consórcio Internacional que administra o PISA. Os alunos que fazem a prova são selecionados por meio eletrônico de forma aleatória (25 alunos por escola escolhida).
  - O Brasil melhorou sua nota no PISA, como pode ser verificado no PISA 2009, divulgado em dezembro de 2010 (com dados de 2009), em que aumentou sua nota em 8,9% (de 368 para 401 pontos), ocupando a 54ª colocação entre 65 países. O maior crescimento de nota ocorreu em matemática (+15,5% entre 2000 e 2009), seguido de Ciências e Leitura (8% e 4%, respectivamente, no mesmo período). Mesmo tendo melhorado, em 2009, as nossas piores notas continuam sendo a da prova de matemática. Mantendo a mesma base de países de 2000 a 2009 (42 países), o Brasil ocupava a 41ª posição em 2000 (na frente do Peru) e passou para a 38ª colocação em 2009 (na frente da Argentina, Indonésia, Albânia e Peru).

## IV. COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO BRASILEIRO

- Os dados disponíveis para a China são de Taiwan e Xangai, que obtiveram nota média de 519 e 577 no PISA 2009, respectivamente.
- Este quadro ressalta a INEFICIÊNCIA DO GASTO em educação no Brasil.
  - Para um nível de gasto semelhante à América Latina (e praticamente o dobro da China), o Brasil tem:
    - Menor escolaridade; Maior taxa de analfabetismo; Menor nota no PISA; Maiores índices de repetência; Menor índice de desenvolvimento educacional.

À despeito do investimento em P&D no Brasil ser maior do que os países selecionados, é ineficiente na geração de patentes de residentes e nas exportações de alta tecnologia.

### AMBIENTE TECNOLÓGICO



Fonte: Banco Mundial, FMI, IMD e WIPO; Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

#### ANOTAÇÕES:

- De acordo com a WIPO (Organização Mundial de Propriedade Intelectual):
  - Patentes de residentes: se referem aos depósitos que ocorrem no escritório no qual o requerente principal da patente tem residência.
  - Patentes de não residentes: se referem ao depósito que ocorrem no escritório no qual o requerente principal da patente não tem residência.

#### Esforço

- Nossos gastos em P&D estão muito abaixo do nível dos países competitivos – QUARTIL 1 – mas são superiores aos dos países selecionados.

#### Transformação de esforço em conhecimento...

- A despeito disso, os países selecionados estão conseguindo aumentar o número de patentes de residentes (por 10 mil habitantes) e o Brasil não.
  - Segundo o Escritório de Marcas e Patentes dos EUA, enquanto a China e Coreia aumentaram em mais de 850% e 300% o pedido de patentes entre 2000 e 2008, o Brasil aumentou 100%.
  - Além disso, para cada patente de residente concedida no Brasil, são concedidas, em território nacional, cinco patentes para estrangeiros (2006)

#### Transformação de conhecimento em riqueza...

- A maior diferença, entretanto, refere-se ao processo de transformação do conhecimento em riqueza.

Os países de rápido crescimento transformam o conhecimento em maior participação das exportações dos produtos de alta-intensidade tecnológica no PIB e reduziram o déficit em termos de serviços tecnológicos
- O Brasil não consegue aumentar a participação das exportações de produtos de alta-intensidade tecnológica no PIB, mostrando déficit de serviços tecnológicos.

## V. AGENDA E PROPOSTAS

### AGENDA DE COMPETITIVIDADE

#### URGENTE

##### CAPITAL

Spread Bancário  
Crédito ao Setor Privado  
Taxa de Juros de Curto Prazo  
Taxa de Juros para Depósito

##### GOVERNO E ECONOMIA

Carga Tributária  
Formação Bruta de Capital Fixo  
Consumo do Governo  
Poupança Doméstica

#### IMPORTANTE

##### TECNOLOGIA

Eficiência dos Gastos em P&D

##### INFRAESTRUTURA

Energia  
Portos, Aeroportos e Ferrovias

##### CAPITAL HUMANO

Eficiência dos gastos públicos em Saúde  
Eficiência dos gastos públicos em Educação com aumento da Média de Escolaridade, da Alfabetização e da Qualidade do Ensino

---

## Propostas da FIESP para Aumentar a Competitividade

### **REDUZIR O RITMO DE CRESCIMENTO DOS GASTOS DO SETOR PÚBLICO**

- Elevação das despesas previdenciárias de acordo com a taxa de crescimento do PIB
- Limitação de crescimento das demais despesas de custeio
- Elevação do superávit primário do governo federal

### **REDUZIR A DÍVIDA PÚBLICA**

- Diminuição do custo e do estoque da dívida
- Mudança no perfil da dívida

### **ELEVAR O INVESTIMENTO EM CAPITAL FIXO (FBCF)**

- Desoneração total do investimento
- Políticas agressivas para ampliação do investimento fixo (FBCF)
- Estimular a atuação do BNDES para MPMEs
- Executar os projetos do PAC e PAC2

### **ELEVAR O INVESTIMENTO EM TECNOLOGIA**

- Desonerar totalmente os investimentos em inovação e P&D
- Ampliar as subvenções para o desenvolvimento de novas tecnologias
- Reduzir o custo e intensificar o uso das linhas de financiamento
- Estimular investimentos das MPMEs em tecnologia
- Desburocratizar

### Propostas da FIESP para Aumentar a Competitividade

#### **REDUZIR A CARGA TRIBUTÁRIA**

- Simplificação e maior transparência do sistema tributário: garantir o direito da sociedade saber quanto paga de tributos em produtos e serviços; eliminar cumulatividade de impostos; unificar tributos; reduzir o número de tributos; reduzir a burocracia
- Justiça fiscal: direito de utilizar os créditos de ICMS nas operações de aquisição de mercadorias de uso e consumo
- Desonerações completa dos investimentos e da folha de pagamento
- Isonomia tributária (distribuição mais equitativa da carga fiscal entre os setores)
- Compensação plena dos tributos federais e estaduais incidentes sobre a atividade exportadora
- Incentivar o consumo privado e reduzir os gastos do governo

#### **REDUZIR OS JUROS (SELIC E SPREAD BANCÁRIO) E ESTIMULAR O CRÉDITO**

- Redução do juro básico da economia para nível internacional
- Redução dos recolhimento dos compulsórios (estimular a oferta de crédito e diminuir o spread)
- Implementar medidas que reduzam os custos da inadimplência
- Continuação das reformas microeconômicas (redução de assimetrias de informação e riscos de seleção adversa no mercado de crédito)
- Ampliação do papel do BNDES no mercado de capitais e estímulo à atuação das instituições financeiras no financiamento de longo prazo
- Racionalização dos processos judiciais, visando redução da insegurança jurídica dos credores



---

## Propostas da FIESP para Aumentar a Competitividade

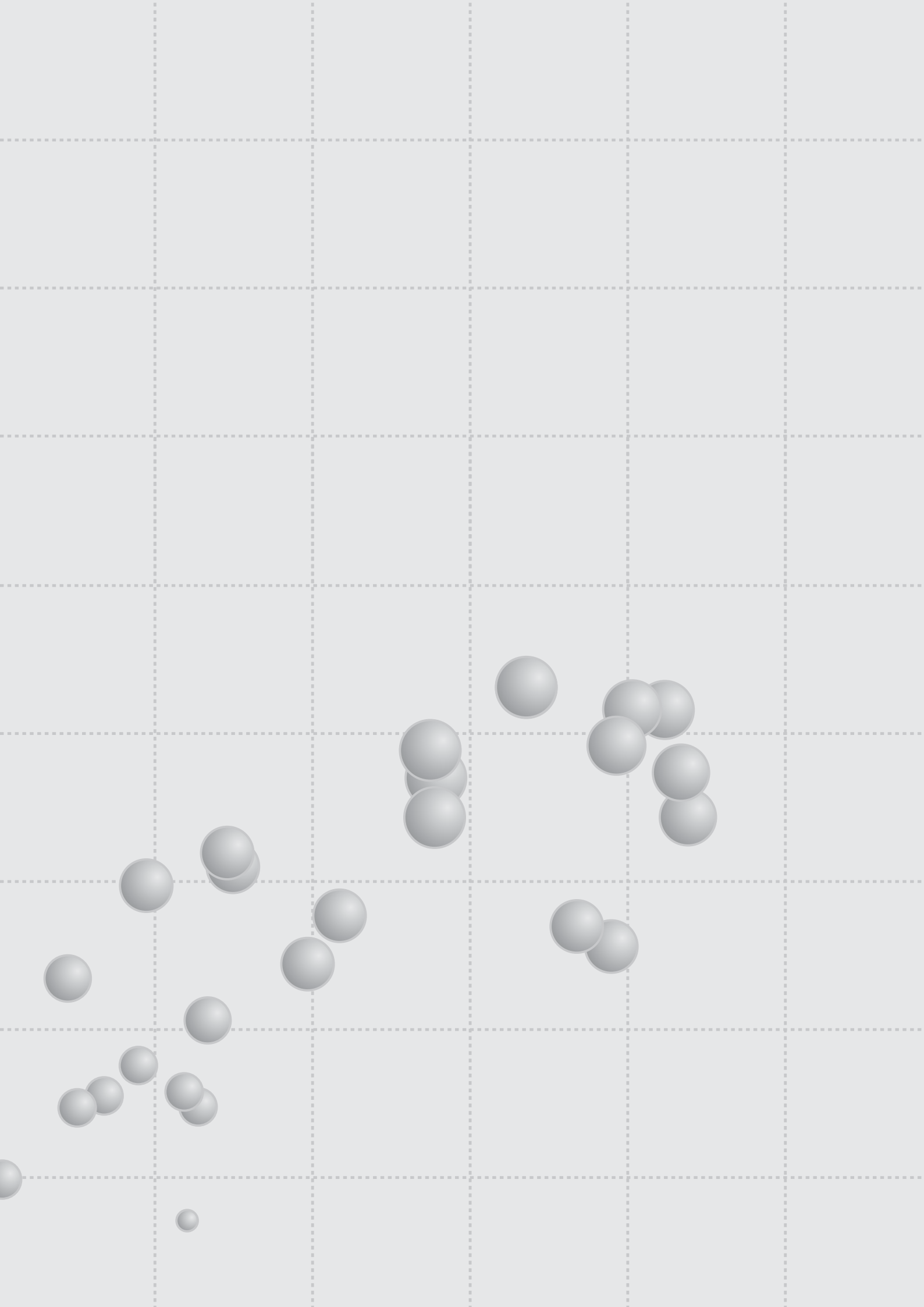
### CÂMBIO E COMÉRCIO EXTERIOR

- Atuação no mercado futuro de câmbio mediante a compra de dólares pelo BC e restringindo operações com vencimentos em 30 dias
- Limitação de financiamento às importações, em especial aos bens de consumo
- Ampliação das linhas internas de financiamento às exportações
- Fortalecimento institucional da CAMEX, COANA e SECEX
- Enfatizar estratégias de negociação comercial
- Desburocratização

#### ANOTAÇÕES:

- Sobre burocracia em infraestrutura:  
Banco Mundial: estudo do BIRD (Logistics Performance Index, 2010). A burocracia é o principal fator a derrubar o desempenho do Brasil no ranking. Os demais indicadores são infraestrutura, transporte internacional, qualidade logística, monitoramento e status da carga e tempo.  
CAMEX: Câmara de Comércio Exterior  
COANA: Coordenação Geral de Administração Aduaneira  
SECEX: Secretaria de Comércio Exterior







Departamento de competitividade e Tecnologia  
DECOMTEC / FIESP

Av. Paulista, 1313 - 5º andar

CEP 01311-923 - São Paulo - SP

Tel:(11) 3549 4513 Fax:(11) 3549 4522

E-mail: [cdecomtec@fiesp.org.br](mailto:cdecomtec@fiesp.org.br)

[www.fiesp.com.br](http://www.fiesp.com.br)